

André Suêlto Tavares de Lima
Edel Alexandre Ponte
Jarbas Mauricio Gomes
Ricardo Jorge de Sousa Cavalcanti
- Organizadores -

Memórias sobre si:

Deslocamentos pessoais,
profissionais e acadêmicos de
mestrandos/as do ProfEPT/Ifal

VOLUME **04**



Kattleya
EDITORA

**MEMÓRIAS SOBRE SI:
DESLOCAMENTOS PESSOAIS,
PROFISSIONAIS E ACADÊMICOS DE
MESTRANDOS/AS DO PROFEPT/IFAL**

VOLUME 04

DIREÇÃO EDITORIAL: Luciele Vieira da Silva

DIAGRAMAÇÃO: Bruna Natalia de Freitas

DESIGNER DE CAPA: Editora Kattleya

O conteúdo da obra é de inteira e exclusiva responsabilidade de seus organizadores, incluindo o padrão textual, o sistema de citação e referências bibliográficas.



Todos os livros publicados pela Editora Kattleya estão sob os direitos da Creative Commons 4.0 https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR

2026 Editora Kattleya

Aldebaran | Tv. José Alfredo Marques, Loja 05, Antares, Maceió - AL, 57048-230

www.editorakattleya.com

editorakattleya@gmail.com

Catálogo na publicação

Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

M533

Memórias sobre si: deslocamentos pessoais, profissionais e acadêmicos de mestrandos/as do PROFEPT/IFAL - Volume 4 / Organização de André Suêlto Tavares de Lima, Edel Alexandre Ponte, Jarbas Mauricio Gomes, et al. – Maceió-AL: Kattleya, 2026.

Outro organizador: Ricardo Jorge de Sousa Cavalcanti

Livro em PDF

ISBN 978-65-83366-35-1

1. Educação profissional. 2. Formação de professores. 3. Memórias acadêmicas. I. Lima, André Suêlto Tavares de (Organização). II. Ponte, Edel Alexandre (Organização). III. Gomes, Jarbas Mauricio (Organização). IV. Título.

CDD 378.013

Índice para catálogo sistemático

I. Educação profissional

**André Suêlto Tavares de Lima
Edel Alexandre Ponte
Jarbas Mauricio Gomes
Ricardo Jorge de Sousa Cavalcanti
Organizadores**

**MEMÓRIAS SOBRE SI:
DESLOCAMENTOS PESSOAIS,
PROFISSIONAIS E ACADÊMICOS DE
MESTRANDOS/AS DO PROFEPT/IFAL**

VOLUME 04

Direção Editorial

Luciele Vieira da Silva

Comitê Científico Editorial

Dr. Edson Hely Silva

Universidade Federal de Pernambuco – UFPE (Brasil)

Dra. Adlene Silva Arantes

Livre Docente pela Universidade de Pernambuco - UPE (Brasil)

Dr. Augusto César Acioly Paz Silva

Universidade Federal de Pernambuco | UFPE (Brasil)

Dr. João Paulino da Silva Neto

Universidade Federal de Roraima | UFRR (Brasil)

Dra. Ana Maria de Barros

Universidade Federal de Pernambuco, Campus do Agreste da UFPE | (Brasil)

Dra. Ana Maria Tavares Duarte

Universidade Federal de Pernambuco, Campus do Agreste da UFPE | (Brasil)

Dra. Tânia Maria Goretti Donato Bazante

Universidade Federal de Pernambuco, Campus do Agreste da UFPE | (Brasil)

Dra. Kalline Flávia Silva de Lira

Universidade Federal do Vale do São Francisco UNIVASF | (Brasil)

Prof. Me. Laudemiro Ramos Torres Neto

Universidade Católica de Pernambuco | UNICAP (Brasil)

Prof. Denivan Costa de Lima

Universidade Federal de Alagoas | UFAL (Brasil)

Dr. José Luís Romero Hernández

Universidade Nacional Autónoma do México | UNAM (México)

Me. Ruth Nitzia Botello Ortiz

Instituto Politécnico Nacional | IPN (México)

PALAVRAS DOS ORGANIZADORES

Este E-book, intitulado “Memórias sobre si: deslocamentos pessoais, profissionais e acadêmicos de mestrandos/as do ProfEPT/Ifal”, reúne 14 memoriais de mestrandos/as ingressantes na turma 2025.1. A proposição deste trabalho surgiu na disciplina “Seminário de Pesquisa” a fim de que os/as mestrandos/as pudessem relatar sucintamente sobre as suas experiências pessoais, profissionais e acadêmicas, em vista de que, sobretudo, a distribuição de orientações nas duas Linhas de Pesquisa ofertadas pelo Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, a saber: 1) Práticas Educativas em EPT; 2) Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos na EPT, careceria de um gênero que dimensionasse o interesse de cada um/uma com a chegada a essa “nova” etapa de qualificação acadêmico-profissional.

Nas produções dos/a mestrandos, orientados/as para exporem os seus posicionamentos e as suas inquietações para o desenvolvimento de pesquisas no âmbito do ProfEPT/Ifal, pode-se evidenciar a garra e a dedicação com que cada um/a, desde os momentos de suas infâncias, ainda como estudantes da educação infantil e também da educação básica, teve, mobilizando esforços, para a inserção na pós-graduação *stricto sensu*. Fios que se tecem e que, em muito, se entrecruzam, em meio, obviamente, à diversidade que lhes constitui. Ainda nessa direção, memórias que se amalgamam fazendo com que as suas histórias de vida sejam como retalhos, parte a parte, que ganham sentido(s) no convívio, na(s) partilha(s), no(s) contato(s) com a pluralidade de ideias e, sobretudo, em todos esses relatos, destacar o abnegado esforço para dar prosseguimento aos estudos.

Sujeitos esses que constroem as suas histórias a partir de laços afetivos, que são estabelecidos entre a escola e a vida (em sentidos amplos), no anseio de, em grande medida, contribuir para mudanças nos indicadores de desenvolvimento socioeducacional nos entornos de onde vêm e de onde (con)vivem. Mudanças que não somente demandam modificações geofísicas, mas, principalmente, no campo das ideologias, da primazia por tempos menos pesados em que trabalhadores/as, inseridos/as num Programa de Pós-

Graduação Profissional, como é o caso do ProfEPT/Ifal, na Instituição Associada Campus Benedito Bentes, possam ter a certeza de que o conhecimento produzido nesses espaços será ecoado em práticas mais consistentes no âmbito do Ensino Médio Integrado na Rede Federal de Ensino, e para além deste.

Nas memórias refeitas – revisitadas – reconhece-se, por meio dos escritos, um misto de emoções e de perseverança durante todo o percurso memorialístico. As narrativas com esse teor visam justamente a isso: munir o/a leitor/a de um enredo que traz enlaces marcantes entre o passado e o presente na prospecção do futuro – que certamente está, nesse sentido, voltado aos títulos de mestres/as em EPT pelo ProfEPT/Ifal.

Falar sobre si torna, certamente, um dos exercícios mnemônicos mais agradáveis – e também complexos – que se pode conceber/executar. Por meio dele, visitamos pessoas, contextos, situações que, sem elas/eles, por vezes, não nos constituiríamos como somos no presente momento. Além disso, lançar mão das nossas histórias a fim de que outros/as possam não somente apreciá-las, mas, em alguma medida, possam também participar delas – inspirando-se, inclusive – é de uma grandeza sublime.

Nesta obra, que se apresenta já em sua terceira edição, no seguimento das propostas anteriores, os textos nos foram apresentados a contento, sem que houvesse, além das normas atinentes à elaboração do texto acadêmico, uma exigência que se configurasse como forma rígida de escrita, de modo que o/a autor/a trouxesse aquilo que melhor lhe fosse concebido na construção dos seus enredos; ao tempo em que propõe-se que o seu manuscrito pudesse contribuir para que futuros/as mestrandos/as possam, ao visitar tais memórias, sentir-se motivados/as em suas escritas, bem como em suas projeções acadêmico-profissionais.

Por fim, cabe dizer que este trabalho representa o esforço coletivo de todos/as que integram o ProfEPT/Ifal, desde os/as mestres/as egressos/as da turma 2018, 2019, 2021, 2022, 2023 passando por parte de egressos/as da turma 2024 e pelos/as estudantes das turmas 2025 e 2026, além do trabalho de muito empenho e de extrema dedicação dos 9 docentes permanentes que integram a Instituição Associada Ifal, Campus Benedito Bentes, num Programa

em Rede da magnitude e da importância do nosso Mestrado. Somos, de fato, constituídos, na condição de organizadores, docentes e discentes, por fios que são entrelaçados no deslocamento entre experiências, sobretudo, teórico-práticas, entre o pessoal, o profissional e o acadêmico. Certamente, esses fios que aqui são narrados não serão mais os mesmos na medida em que os revisitamos. Que estejamos sempre receptivos/as a novas memórias, a novos enredos.

Desejamos ótimas leituras a todos/as,
Prof. Dr. André Suêlto Tavares de Lima (ProfEPT/Ifal)
Prof. Dr. Edel Alexandre Pontes (ProfEPT/Ifal)
Prof. Dr. Jarbas Mauricio Gomes (ProfEPT/Ifal)
Prof. Dr. Ricardo Jorge de Sousa Cavalcanti (ProfEPT/Ifal)
Maceió/ AL – Inverno de 2026

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1

AÇÕES TRANSFORMADORAS PROPORCIONADAS PELOS ESTUDOS: UM NOVO OLHAR AOS 57 ANOS

Abelardo João de Lima Filho..... 11

CAPÍTULO 2

INTROSPECÇÃO E DESCOBERTA: REFLEXÕES SOBRE MINHA TRAJETÓRIA

Bruno Ferreira da Silva Santos..... 15

CAPÍTULO 3

EU CAMINHANDO

Daiane Castor Braz..... 21

CAPÍTULO 4

ENTRE O PICOLÉ DE JACA E A POLITECNIA

Edilma Gomes Santos..... 27

CAPÍTULO 5

DE ONDE VENHO, PARA ONDE VOU: REFLEXÕES DE UMA JORNADA ACADÊMICA E PESSOAL

Elízia Soares Silva da Guia..... 35

CAPÍTULO 6

AS PARTES QUE ME CONSTROEM

Hermanes Abreu Rodrigues..... 42

CAPÍTULO 7

A EDUCAÇÃO COMO DESVELAMENTO DO HOMEM

José Clebson Guilherme da Silva..... 50

CAPÍTULO 8

TRABALHO VIVO: EXPERIÊNCIAS, AFETOS E PRÁTICAS DE TRANSFORMAÇÃO

Kalina Karla de Moraes Veloso..... 56

CAPÍTULO 9

REVISITANDO MINHAS MEMÓRIAS

Marciana Barros Correia de Souza..... 63

CAPÍTULO 10

CAMINHOS DE UMA VIDA: ENTRE MEMÓRIAS, DESAFIOS E SUPERAÇÕES

Maria Karine Gomes de Oliveira..... 70

CAPÍTULO 11

CAMINHOS DA VIDA

Maria Virginia Gomes da Silva..... 78

CAPÍTULO 12

MINHA TRAJETÓRIA DE VIDA

Patrícia Araújo de Albuquerque..... 85

CAPÍTULO 13

RELICÁRIO

Rafaela Carla Ambrósio Silva..... 91

CAPÍTULO 14

MINHAS MEMORÁVEIS EXPERIÊNCIAS ACADÊMICAS E PROFISSIONAIS

Tatiana Maria da Silva..... 98

CAPÍTULO 1

AÇÕES TRANSFORMADORAS

PROPORCIONADAS PELOS ESTUDOS: UM

NOVO OLHAR AOS 57 ANOS

*Abelardo João de Lima Filho*¹

1. INTRODUÇÃO

Este memorial tem como finalidade apresentar ao leitor uma síntese da minha trajetória pessoal, profissional e acadêmica. Descrever a própria vivência permite a realização de reflexões sobre as atitudes e sobre os caminhos percorridos até então, demonstrando as conquistas, as barreiras e as motivações que influenciaram em minhas escolhas.

2. INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA DESAFIADORA

Nasci no dia 12 de outubro de 1967, um dia muito especial e abençoado. Nessa data comemora-se o Dia das Crianças, e ainda é feriado nacional, sendo o Dia da Padroeira do Brasil, Nossa Senhora Aparecida. Sendo o sexto filho a nascer, numa família de nove irmãos, formávamos uma família numerosa. Porém, aos cinco anos de idade, minha mãe, Benedita de Oliveira Lima, faleceu durante o parto de minha irmã. Isso mudou toda a rotina da família, tendo meu pai, Abelardo João de Lima, que se desdobrar para dar conta de nove filhos, do trabalho, além de uma recém-nascida. Tempos difíceis!

Após o segundo casamento do meu pai, o que não demorou muito, as coisas em casa melhoraram bastante, e passamos a ter uma vida mais

¹¹Mestrando do Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) do Instituto Federal de Alagoas (IFAL), Campus Benedito Bentes. Técnico em Enfermagem do Instituto Federal de Alagoas, Campus Maceió. Linha de Pesquisa: Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica. E-mail: abelardo.filho@ifal.edu.br.

normal.

Durante a adolescência, trabalhava aos sábados, vendendo jornal na praia, e aos domingos, vendendo pão pelas ruas do bairro onde morava, na Jatiúca. Entretanto, nunca deixei de estudar, o que era uma exigência diária do meu pai. Estudei todo o primeiro grau e o segundo grau em escola pública e, aos 17 anos, prestei o meu primeiro vestibular para a UFAL. Não sendo aprovado, iniciou-se aí minha vida profissional, quando resolvi morar em São Paulo com meu irmão mais velho, em 1985.

3. DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL

O ano era 1985, quando iniciei meu primeiro trabalho com carteira assinada em um estabelecimento chamado Lojas Besni, situado na Avenida 13 de Maio, em São Paulo, fazendo abertura de crediário. Um mês após, já estava trabalhando no Banco Bradesco, como escriturário, e seis meses depois passei a ser digitador no Departamento de Transportes do banco, pois haviam chegado os primeiros computadores de mesa. Porém, um fato inesperado fez eu retornar a Maceió: meu irmão contraiu meningite e veio a falecer. Desespero e muita angústia, pois, na capital da medicina, não conseguiram detectar a doença na fase inicial.

Após meu retorno a Maceió, trabalhei na construção do Polo Cloro-químico de Marechal Deodoro, como apontador; na distribuidora Brahma, como auxiliar de escritório; na construção do Shopping Iguatemi (hoje Maceió Shopping), como almoxarife; na Loja Mesbla, como auxiliar de escritório e depois como vendedor, e na Auto Viação São Domingos, como auxiliar de escritório. Foi então que despertei para prestar concursos públicos, tendo minha primeira aprovação em 1989, como recenseador do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) pelo período de seis meses. Em 1992, tomei posse como soldado da Polícia Militar de Alagoas e fui aprovado em concurso para sargento combatente da Polícia Militar de Alagoas.

Em 1996, percebi que já não tinha o mesmo ânimo para continuar na polícia, pedindo o Programa de Desligamento Voluntário (PDV), com incentivo financeiro. Em seguida, fui nomeado pela Prefeitura de Maceió no

cargo de merendeiro na Escola Kátia Assunção, no bairro do Jacintinho. Um ano depois, passei a exercer a função de secretário escolar nessa escola. Em 1998, fui nomeado para os Correios, no cargo de auxiliar de triagem e transbordo, mas, ao assumir, fui realocado para Palmeira dos Índios/AL, o que dificultou muito a minha vida. Assim, pedi demissão do cargo ao completar três meses de serviço e fui nomeado mais uma vez pela Prefeitura de Maceió ao cargo de agente comunitário de saúde.

Em 2001, um fato modificou totalmente minha rotina: o fim do casamento. A guarda dos dois filhos ficara sob minha responsabilidade, tendo eu que arcar com toda despesa. Tive então que arranjar outro emprego pela noite, de garçom, em um restaurante, para aumentar a renda com o objetivo de pagar as novas despesas que viriam: creche e uma cuidadora. Após um ano, senti a necessidade voltar aos estudos e conseguir um emprego melhor para poder passar mais tempo com Ariel e João.

Em 2002, fiz o curso de Técnico de Enfermagem, oferecido pelo governo federal, e antes mesmo de concluir, fiz três concursos públicos e fui aprovado nos três. Assim, pude escolher onde trabalhar: na UFAL. O cargo era de auxiliar de enfermagem, passando a ficar mais tempo com meus filhos, pois trabalhava em regime de plantão.

Em 2004, inicio meu segundo casamento e, em 2005, nasce Poliana. Uma alegria só: dois meninos e agora uma menina. Entretanto, o trabalho na UFAL estava ficando muito cansativo, com poucos funcionários para dar conta de uma enorme quantidade de pacientes e sem nenhuma perspectiva de contratação de novos funcionários. Foi nesse caos que resolvi fazer um novo concurso público, sendo aprovado e nomeado para trabalhar no cargo de técnico em enfermagem no IFAL, Campus Marechal Deodoro. Então, deixei a UFAL. O lema era “qualidade de vida”.

Em 2018, mais um capítulo no casamento: a separação. Ariel e João continuam morando comigo, e Poliana fica morando com a mãe. Em agosto de 2020, se realiza o terceiro casamento. Em março de 2022, nasce o quarto filho, Jonas Ravi e, em agosto de 2024, nasce Théo Vieira, encerrando assim os descendentes.

4. FORMAÇÃO ACADÊMICA

Em 2006 iniciei a graduação no curso de Administração na UFAL. Àquela altura da vida, aos 39 anos, o objetivo inicial era progredir no plano de cargos e carreira e posteriormente, ao se aposentar, enveredar pelo empreendedorismo. Porém, a grande satisfação foi perceber a alegria de meu pai e dos meus irmãos, pois eu era naquele momento o primeiro filho a concluir uma graduação.

Daí em diante, cresceu uma vontade de estudar cada vez mais, iniciando outra graduação e algumas pós-graduações, mas sem êxito na conclusão dos cursos. Resolvi então dar uma pausa e, quando decidi retornar aos estudos, foquei em fazer um mestrado na área de Educação, onde já atuava trabalhando. Após três tentativas, consegui êxito no mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT/IFAL).

5. CONCLUSÃO

Mesmo diante de uma trajetória mais focada no trabalho, atualmente estou cursando o Mestrado Profissional em EPT e, a cada dia, percebo que a educação é um instrumento poderoso, capaz de transformar a sociedade, contribuindo com o crescimento de todos. Hoje, aos 58, tenho cada vez mais a consciência de que a educação transforma, desenvolve e constrói uma sociedade mais justa.

CAPÍTULO 2

INTROSPECÇÃO E DESCOBERTA: REFLEXÕES SOBRE MINHA TRAJETÓRIA

Bruno Ferreira da Silva Santos²

1. INTRODUÇÃO

O presente memorial propõe um exercício de reflexão diante de minha trajetória acadêmica, desde os meus primeiros anos de contato com a educação formal até os dias atuais, em contato com o âmbito universitário. A ambientação em que se inicia minha trajetória é minha cidade natal (Viçosa, Alagoas). O relato busca revisitar momentos importantes, influências significativas e escolhas que gradualmente delinearam minha identidade intelectual. Ao rememorar os caminhos percorridos, espero não focar apenas no encadeamento de eventos, mas também mostrar a relação entre minhas vivências e a construção do meu caminho no campo do conhecimento. Como disse Louis Lavelle (2023): “A sabedoria consiste em salvaguardar a lembrança desses momentos fugidios, em saber fazê-los reviver e fazer deles a trama da nossa existência cotidiana e, por assim dizer, a morada habitual do nosso espírito”. Cada página convida o leitor a acompanhar e mergulhar no mundo introspectivo do autor deste memorial: suas experiências, suas curiosidades e sua busca constante por aprendizado.

2. FORMAÇÃO ACADÊMICA

2.1. Os anos iniciais

Sou Bruno Ferreira, nascido em Viçosa/AL, cidade conhecida como “Atenas das Alagoas” devido à forte tradição cultural, intelectual e artística, e

² Mestrando em Educação Profissional e Tecnológica pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) do Instituto Federal de Alagoas (Ifal), *Campus* Benedito Bentes. Licenciado em Geografia e especialista em Gestão Ambiental pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). Linha de Pesquisa 1: Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica. Orientador: prof. dr. Ricardo Jorge de Sousa Cavalcanti. E-mail: bfss2@aluno.ifal.edu.br.

“Princesa das Matas”, devido à sua riqueza natural. Sou o mais velho de três irmãos.

Iniciei minha jornada educacional aos 4 anos, na Escola Tesouro da Criança, instituição em que cursei também o Ensino Fundamental, fase em que meus pais me davam atenção constante em minhas dificuldades educacionais e dúvidas constantes, e na qual uma das maiores lembranças é a das feiras de cultura, não só pela diversidade de conteúdos que eram apresentados em cada turma, o que gostava bastante, já que sempre fui uma criança curiosa e me interessava por vários assuntos, mas também pelo enfrentamento da timidez de uma criança introvertida a cada ano que as feiras aconteciam, mas saí vivo dessa.

Já no Ensino Médio, cuja boa parte cursei na mesma instituição, foi uma época em que tive um maior interesse por livros e música. Esses interesses fazem parte da minha identidade até hoje e me ajudaram a ampliar minha visão de mundo, disciplina, comunicação, habilidades que nos anos seguintes seriam empregadas tanto ao longo da minha vida acadêmica quanto no ambiente profissional.

2.2. Licenciatura em Geografia

Em 2003 prestei vestibular para o curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL) e, a partir daí, passei a me deslocar todos os dias de Viçosa a Palmeiras dos Índios. Por ser muito novo, não tinha perspectiva bem definida quanto ao meu futuro, durante e pós-universidade. Apesar disso, na graduação, me esforcei para participar dos simpósios, congressos e demais eventos que a universidade propunha, e cheguei a produzir e apresentar um trabalho com o tema “globalização”.

O estágio foi um dos momentos mais tensos, devido à minha introversão, mas, como falei, o fato de me interessar por música foi um ponto positivo, tanto que acabei utilizando o violão como forma de estabelecer contato e conexão com os alunos durante toda a experiência. Não obstante as greves e a ausência de perspectiva, concluí a graduação em 2008 e prossegui para uma pós-graduação em Gestão Ambiental, pela mesma universidade.

2.3. As especializações

Em 2008 comecei a especialização em Gestão Ambiental, uma escolha oportuna por complementar a graduação em Geografia que tinha concluído recentemente. Nesse mesmo ano, também ingressei no quadro de pessoal da Vigilância Epidemiológica da Secretaria Municipal de Saúde de Viçosa/AL, experiência que detalharei mais adiante. No ano seguinte, participei do I Congresso Nacional de Educação Ambiental e do III Encontro Nordestino de Biogeografia, realizado em João Pessoa/PB, onde apresentei o trabalho “O pensamento da sociedade atual e o pensamento emergente” (Santos, 2009), que versa sobre a contraposição da visão de mundo mecânico/reducionista (Descartes, 2005) e holístico/ecológica (Lovelock, 2006; Capra, 2012).

Após concluir essa especialização, passei alguns anos fora do âmbito acadêmico, até que, em 2019, iniciei uma nova pós-graduação, desta vez na área da Saúde. Essa escolha foi motivada pelo fato de que, como mencionado anteriormente, eu fazia parte do quadro de pessoal da Vigilância Epidemiológica. A especialização era em Avaliação em Saúde Aplicada à Vigilância, pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), o que me deu uma visão ampla sobre o setor em que eu atuo.

3. TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

3.1. A jornada docente

Como dito anteriormente, concluí a graduação em 2008 e levei alguns anos para atuar como docente da Educação Básica, pois em um primeiro momento não era minha intenção seguir a carreira docente. Mas com o tempo surgiram convites para atuar em escolas do setor privado, substituindo alguns colegas em suas férias.

Posteriormente, participei de algumas seleções da Secretaria de Estado da Educação (SEDUC/AL), incentivado por amigos, o que me proporcionou muitas experiências, momentos gratificantes, mas também fui colocado diante de várias dificuldades, em especial as enfrentadas pelos estudantes. Em particular, a crescente problemática da ansiedade entre os

jovens do Ensino Médio, que vem se tornando cada vez mais constante no dia a dia e que tem se manifestado de diversas formas: desde questões relacionadas à mudança do tempo dentro da escola com o ensino integral até pressões relacionadas às provas bimestrais, à apresentação de trabalhos e ao uso indiscriminado do celular.

Em um momento inesperado, presenciei um quadro de histeria coletiva de ansiedade em uma das escolas em que lecionei. Ficou perceptível o quanto o ambiente escolar está vulnerável emocionalmente e o quanto nós, enquanto professores, ainda não conseguimos lidar com determinada situação. Acredito que a escola tem um papel fundamental diante dessa problemática, e o professor é um articulador importante para desenvolver ações junto aos estudantes, visando oferecer apoio emocional e estratégias para lidar com esse tipo de situação, que vem se tornando rotineiro.

3.2. A vigilância epidemiológica

No final de 2008, passei a integrar o quadro de pessoal da Vigilância Epidemiológica do Município de Viçosa/AL, sendo responsável pelos aspectos administrativos desse setor. Eu tinha acesso a todos os dados sobre natalidade, mortalidade, doenças e agravos que acometiam a população do município.

Durante a trajetória dentro desse espaço, atuei de diversas formas, incluindo ações de intervenção e promoção à saúde, análise de dados, produção de relatórios e boletins epidemiológicos e formação de trabalhadores. Minha formação em Geografia me ajudou de forma satisfatória nessa jornada, dando-me uma visão ampla das dinâmicas territoriais e sociais, o que possibilitou a identificação de áreas prioritárias para intervenção e a adaptação de ações de promoção à saúde de forma mais assertiva.

Por utilizar sistemas de informações especificamente voltados à vigilância epidemiológica e por ter participado de formações sobre novas tecnologias, buscando aprimorar minhas práticas, apresentei o trabalho “Tecnologias exponenciais em saúde: um impacto positivo para os usuários do SUS” (Santos, 2017), no Congresso Acadêmico da UNCISAL.

4. O INGRESSO NO MESTRADO

Durante a graduação e pelos diálogos com os colegas sobre os possíveis desdobramentos da vida acadêmica, o interesse em ingressar em um mestrado foi despertado. No entanto, mudanças no decorrer de minha trajetória de vida me distanciaram desse objetivo e, conforme mencionei em parágrafos anteriores, concluí a licenciatura, mas, naquele momento, não tinha o propósito de atuar enquanto docente.

No entanto, alguns anos depois, surgiram oportunidades para lecionar, e isso provocou um novo interesse pela vida acadêmica, o que culminou na decisão de ingressar em um mestrado. A partir disso, passei a buscar programas de mestrado e me deparei com Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT).

Inicialmente, a proposta não me pareceu clara, mas, em 2019, fiz minha primeira tentativa, e apesar de ter lido boa parte das referências bibliográficas indicadas, não alcancei a pontuação necessária para ingressar nesse mestrado. Nos anos posteriores, acompanhei todos os editais seguintes do PROFEPT. No entanto, a carga de trabalho me impossibilitou de estudar para esse fim, até que essa situação se estabilizou e encontrei tempo para me dedicar com afinco ao estudo das referências para a prova.

Dessa forma, coletei as referências do processo seletivo do PROFEPT de 2024 e iniciei minha preparação para a edição de 2025. Com a publicação do novo edital, percebi que cinco dos dez títulos da bibliografia haviam sido alterados, o que me exigiu uma reorganização dos meus estudos. Após esse período de dedicação, fui aprovado no processo seletivo.

5. CONCLUSÃO

Ao revisitar minha trajetória, percebo que desde os anos iniciais em minha cidade natal, Viçosa/AL, onde fui apoiado pelo meu seio familiar e a cultura local sempre esteve presente, a curiosidade foi algo fundamental para minha compreensão de mundo e o ingresso nesse mestrado, essenciais para a construção da minha identidade intelectual. Cada experiência vivida, principalmente as dificuldades enfrentadas, fortaleceram a minha persistência

e a minha capacidade de adaptação. Tanto a atuação na docência como na vigilância epidemiológica me proporcionaram uma visão de mundo mais ampla e me fizeram perceber as necessidades da população. Isso pode enriquecer minha jornada no mestrado em Educação Profissional e Tecnológica, preparando-me para os desafios que posso enfrentar nessa caminhada. Considero esse mestrado um momento de aprofundamento dos conhecimentos que acumulei até agora e espero contribuir para o desenvolvimento da educação e, por conseguinte, da sociedade. Este memorial não é o fim; é mais uma etapa a ser cumprida diante da busca constante por conhecimento. Estamos em permanente evolução, e cada novo desafio superado nos torna mais resilientes.

6. REFERÊNCIAS

SANTOS, B. F. S. **O Pensamento da sociedade atual e o pensamento emergente**. In: I Congresso Nacional de Educação Ambiental e III Encontro Nordestino de Biogeografia, 2009, João Pessoa - PB. Educação Ambiental para a sociedade sustentável e saúde global. João Pessoa - PB: Universitária, 2009. v. I. p. 1183-1186.

SANTOS, B. F. S. **Tecnologias exponenciais em saúde: um impacto positivo para os usuários do SUS**. In: CONGRESSO ACADÊMICO DA UNCISAL. Maceió: UNCISAL, 2017.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 2006.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente**. 30. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

DESCARTES, René. **Discurso do método**. Coleção: grandes obras do pensamento universal -10. São Paulo, SP: Escala, 2005.

LAVELLE, Louis. **A intimidade espiritual**. São Paulo: Vide Editorial, 2023.

LOVELOCK, James. **A vingança de Gaia**. São Paulo: Intrínseca, 2006.

CAPÍTULO 3

EU CAMINHANDO

Daiane Castor Braz

Dedico este memorial **a todos que encontrei pelo caminho.**

1. INTRODUÇÃO

Elaborar um memorial é voltar o olhar para a menina que caminhava pelos terreiros do povoado Sítio da Lagoa e estudou na Escola João Batista Figueiredo, em Glória, Bahia; é gargalhar com a adolescente que ficava no fundão fazendo barulho enquanto concluía o Ensino Médio no Colégio Estadual Reis Magalhães; é sorrir para a mãe de Miguel e Alícia, que se graduou em Pedagogia pela Universidade Estadual da Bahia (UNEB); é saudar a profissional, militante e mulher que se posiciona no mundo com consciência de suas lutas.

2. FORMAÇÃO ACADÊMICA

Sou graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual da Bahia (UNEB). Escolhi no vestibular por falta de opção. E é estranho, mas agradeço. Hoje me identifico e atuo na área com extremo comprometimento.

2.1. Os anos iniciais

Nos meus anos iniciais, estudei todo o Ensino Fundamental I no Colégio João Batista Figueiredo, no povoado Sítio da Lagoa, em Glória, Bahia. De lá, guardo até hoje, dentro de mim, a lembrança do primeiro amor. Lembro da minha professora Dudu, senhora elegante, serena e com um carinho inexplicável por mim. Eu era uma menina traquina, serelepe, que sempre aprontava e lhe roubava carinhos.

Escrevendo, também choro. Essa escrita me lembrou da sua morte. Foi com ela que aprendi o que é perder um amor na infância. Repetir a terceira série não doeu tanto quanto.

Fiz o Ensino Fundamental II no Centro Educacional Professor Adelino Mártir de São José Ferreira, na sede do município de Glória, saindo do campo para a cidade. Lá, mantive minha fama de aluna complexa — algumas coisas nunca mudam. Como sempre, era uma aluna regular, comunicativa, que cumpria suas obrigações sem grandes destaques nas notas. Destaque, só como a mais barulhenta da turma mesmo. Escapei por pouco da reprovação na sexta série. Ainda bem que a professora de Matemática tinha simpatia por mim. Nada como uma boa gracinha todos os dias no final da aula para te salvar no fim do ano.

Inventei de fazer o 1º ano do Ensino Médio no Colégio Carlina Barbosa de Deus, na cidade vizinha de Paulo Afonso, Bahia. Fiz amizades, mas logo voltei para o meu município.

Cursei o 2º e o 3º anos no Colégio Estadual Reis Magalhães. Fiz o que tinha que ser feito, dentro da perspectiva de mundo que eu tinha naquele momento. Mas, por conselho de um amigo, fiz o vestibular para a universidade — algo que, para mim, era distante. Mesmo assim, tentei. Para minha surpresa, fui aprovada em Pedagogia.

2.2. A graduação em Pedagogia

Me casei no ano seguinte à finalização do Ensino Médio, em 2007, e logo engravidei do meu primeiro filho, Miguel. Foi durante a gravidez que descobri que havia sido aprovada no vestibular. O primeiro desafio foi fazer a matrícula. Uma amiga viu meu nome na lista de aprovados e, por sorte, consegui me matricular nos últimos dias do prazo.

Com a distância entre o meu povoado e a cidade, e com o nascimento de Miguel, tudo se tornou bem mais complexo. Nesse período, também comecei a trabalhar, atuando na sede do meu município. Ao final do expediente, voltava para casa e pegava um ônibus que seguia até Paulo

Afonso, todos os dias, para assistir às aulas na universidade. Saía às 17h e só chegava em casa à meia-noite.

O percurso do transporte coletivo cobria diversos povoados da região ribeirinha onde moro, o que tornava o trajeto ainda mais cansativo. Acabei engravidando pela segunda vez, Alícia, como ela é linda! E diante das dificuldades, precisei trancar a faculdade. Continuar naquele momento se tornou inviável.

Após algum tempo, retornei para apresentar meu Trabalho de Conclusão de Curso, que teve como título “Fortalecimento da identidade do campo: estudo de caso na Escola João Batista Figueiredo”. Foi esse trabalho que despertou em mim o interesse pela pesquisa e o entendimento das minhas lutas.

Em meio a todo esse processo, em 2011, conheci o trabalho da Associação Repensar, sediada em Paulo Afonso, mas com atuação em todo o território de forma regional.

2.3. A especialização em História e Cultura Afro-Brasileira

Com o passar dos anos comecei a me identificar e estar à frente de movimentos e lutas sociais, então escolhi fazer uma Pós-Graduação em História e Cultura Afro-Brasileira.

3. TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

Ao longo dos anos, tive a oportunidade de me envolver em diversos projetos, enfrentar desafios e adquirir aprendizados que moldaram minha trajetória. Desde minhas conquistas acadêmicas até minhas experiências profissionais, cada passo contribuiu para minha evolução pessoal e profissional, proporcionando *insights* valiosos sobre mim mesma e sobre o mundo ao meu redor.

3.1 A jornada docente em Macururé

Em 2020, atuei no município de Macururé e, desde então, venho trabalhando como educadora no Instituto de Ciência e Tecnologia Repensar (ICT), desenvolvendo capacitações voltadas para mulheres e jovens de comunidades rurais e tradicionais.

3.2. O ingresso no ICT Repensar

Em 2011 ingressei no Instituto de Ciência e Tecnologia Repensar, realizando atividades voltadas à educação popular, com ênfase em ações junto a mulheres, povos originários e comunidades tradicionais. Minha atuação inclui a coordenação de oficinas e formações com foco no empoderamento feminino, educação financeira, valorização cultural e educação do campo, especial e inclusiva.

Entre 2021 e 2024, desenvolvi atividades relacionadas à Política de Economia Popular e Solidária, com destaque para a assessoria na implementação das leis nº 14.017, de 29 de junho de 2020 (Lei Aldir Blanc), nº 195/2022 (Lei Paulo Gustavo) e nº 14.399, de 8 de julho de 2022 (Política Nacional Aldir Blanc).

No entanto, minha experiência prática revela um grande desafio: alcançar de maneira efetiva o público-alvo que está na ponta, como comunidades ribeirinhas, povos originários, quilombolas, mulheres em situação de vulnerabilidade e agricultores familiares. Apesar dos avanços, esses grupos enfrentam barreiras estruturais que dificultam o acesso às políticas públicas. A falta de informação, dificuldades logísticas e burocracia excessiva são apenas alguns dos fatores que limitam o impacto das iniciativas.

Por exemplo, muitos agricultores familiares, mesmo sendo prioritários em programas de incentivo e financiamento, enfrentam dificuldades em acessar linhas de crédito ou recursos por falta de assistência técnica especializada e estratégias adaptadas às suas realidades locais. O mesmo ocorre em relação ao acesso a políticas de emprego e renda, que muitas vezes

não consideram as particularidades das economias locais e o potencial de iniciativas comunitárias e solidárias.

Essa desconexão demonstra a necessidade urgente de fortalecer as estratégias de implementação das políticas públicas, capacitar agentes locais e investir em mecanismos de descentralização que garantam um fluxo eficiente de recursos e benefícios. Além disso, é fundamental promover ações que respeitem as especificidades culturais e territoriais dessas populações, assegurando que as políticas públicas alcancem, de fato, aqueles que mais precisam, fortalecendo a agricultura familiar e criando oportunidades reais de trabalho e renda para os que estão na ponta.

3.3. Gestão em espaços não formais

Em Glória, Bahia, coordeno o coletivo Mulheres Ribeirinhas (Vozes do Território), que atua na região ribeirinha com o objetivo de fomentar a organização comunitária, promover a autonomia econômica e fortalecer os laços sociais entre as mulheres da região.

Ao longo dessa jornada, tenho buscado contribuir significativamente para o fortalecimento da política de juventude, coordenando ações que promovem o protagonismo juvenil, a formação de lideranças e a criação de espaços participativos voltados para a inclusão social e cidadã. Minha atuação se concentra na articulação e na mobilização de jovens para o desenvolvimento de conselhos e iniciativas que incentivem a participação ativa e consciente na construção de políticas públicas no estado da Bahia.

3.4. A extensão e a pesquisa em automação e garantia de direitos

Em 2020, fui bolsista do CNPq, desenvolvendo um estudo sobre automação e superação das dores do campo, buscando soluções inovadoras para os desafios enfrentados pelas comunidades rurais. Nesse mesmo ano, coordenei, junto à equipe do Instituto Repensar, a pesquisa “Oquitoka: Diagnóstico da Rede de Proteção da Criança e do Adolescente do Território

de Itaparica”, que reuniu dados dos municípios de Glória, Macururé, Rodelas e Chorrochó, na Bahia. Essa pesquisa culminou na publicação de um livro homônimo, lançado em 2024, reunindo reflexões e propostas para fortalecer a rede de proteção nos territórios tradicionais.

4. O INGRESSO NO MESTRADO

O ingresso no mestrado foi uma grande vitória. Por indicação de amigos e considerando minha intensa rotina profissional, busquei um mestrado profissional, um perfil que dialoga diretamente com minha trajetória e com o trabalho que desenvolvo nos territórios do campo e das comunidades tradicionais. Essa conquista foi a confirmação de que é preciso ter constância e coragem na busca pelos nossos sonhos. Na terceira tentativa, fui aprovada. Em 2025, celebro essa conquista com alegria, ciente de que esse novo ciclo fortalece ainda mais meu compromisso com a educação, a pesquisa aplicada e a transformação social.

5. CONCLUSÃO

Olhar para minha trajetória é reconhecer cada passo, cada tropeço e cada recomeço como parte de um processo de construção pessoal, profissional e coletiva. Do povoado Sítio da Lagoa até os espaços acadêmicos e institucionais que hoje ocupo, carrego comigo a força das mulheres do campo, a persistência dos que lutam sem garantias e a esperança de um futuro mais justo para quem nasce à margem. A educação foi, e continua sendo, minha ferramenta de transformação não apenas individual, mas social. Continuo caminhando com os pés fincados na terra que me formou e com os olhos voltados para o horizonte que desejo construir: mais digno, mais equitativo e mais sensível às vozes silenciadas das comunidades tradicionais. Meu compromisso permanece: transformar a dor em potência e a experiência em ação.

CAPÍTULO 4

ENTRE O PICOLÉ DE JACA E A POLITECNIA

Edilma Gomes Santos³

1. INTRODUÇÃO

A memória não é apenas um resgate do passado, é a ferramenta que lança um olhar incisivo sobre a nossa história e a bússola que aponta para o futuro. É com esse espírito que revisito minhas memórias, um texto tecido com saudosismo e o fio contínuo da reflexão.

Sou Edilma Gomes Santos, natural da cidade de Feira Grande, no Agreste alagoano. Caçula de uma família de oito irmãos, fui a primeira a tomar a decisão de sair do interior em busca de melhor qualificação educacional e profissional na capital. Sou mãe de um casal, hoje com 15 e 11 anos, e nós três dividimos a casa com duas gatinhas maravilhosas que trazem alegria ao nosso lar.

Minha vida é uma gestão diária intensa e de múltiplas jornadas. Concilio uma carga horária de 60 horas semanais de trabalho com os serviços domésticos, os cuidados com meus filhos, atividade física regular, *hobbies* e estudos — uma maratona contínua que me alimenta e me exaure. Desde 2018 dedico-me também a um trabalho voluntário de meditação com crianças e adolescentes, atividade que me traz uma satisfação profunda.

Apaixonada por música, livros e toda forma de arte, acredito no poder transformador da beleza e da consciência. A arte, para mim, não apenas sensibiliza os sentidos, mas também desperta o “fervor revolucionário” — a ideia que o poeta Maiakovski defendia ao usar sua criação como ferramenta

³ Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) pelo IFAL. Bacharela em Fisioterapia. Pós-graduação em Acupuntura. Especialista em Terapia Intensiva Neonatal e Pediátrica. E-mail: edilmaom@yahoo.com.br. Orientada pelo prof. dr. Fábio Francisco de Almeida Castilho. Linha 2 de pesquisa: Organização e Memórias dos Espaços Pedagógicos na EPT. Macroprojeto 6: Organização de Espaços Pedagógicos na EPT.

vital para elevar a consciência de classe dos explorados e oprimidos. É com essa lente filosófica que a minha história se desdobra.

2. O BERÇO FEIRA GRANDE

Meus anos iniciais foram traçados na escola pública estadual, onde estudei até o 5º ano do Ensino Fundamental. Foi nesse ambiente que minha consciência ecológica foi despertada e meu estímulo à arte nasceu, alimentado por atividades folclóricas e a introdução à música clássica.

Naquela fase, eu era a Edilma em movimento: percorria as cidadezinhas do interior, apresentando-me com o teatro e a música, descobrindo o palco antes mesmo de descobrir a sala de aula.

O Ensino Médio foi marcado pela ambição de acelerar o futuro: cursei o técnico em Magistério na minha cidade e, em paralelo, o curso científico na vizinha Arapiraca. Minha inclinação para a Matemática era evidente. Aos poucos, a teoria deu lugar à prática, e eu já ministrava aulas particulares de Matemática e Português.

Minha primeira experiência formal na docência veio logo em seguida. Enquanto cursava o primeiro ano de Licenciatura em Matemática na Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), em Arapiraca, eu já lecionava para turmas de 7º e 8º anos em uma escola particular. O palco das apresentações cedeu lugar à frente da classe, consolidando a vocação que me levaria para a capital.

3. DA MATEMÁTICA À TERAPIA INTENSIVA

A decisão de vir para a capital culminou, em 2002, na conclusão da minha graduação em Fisioterapia pela Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL). Esse foi o ponto de partida profissional, após a fase de docência no interior.

Na academia, minha sede por conhecimento se traduziu em intensa participação em cursos e congressos, como a marcante palestra sobre “Doação e Transplante de Órgãos”. No ambiente hospitalar, o palco da minha nova vocação se revelou: a Terapia Intensiva.

Foi nos estágios em diversos hospitais que encontrei o fascínio pelo trabalho na Unidade de Terapia Intensiva (UTI), onde a ciência do movimento se encontra com a urgência da vida. Essa imersão no extremo da vida, na UTI, encontrava seu contraponto na minha crescente e forte inclinação pela filosofia oriental. Desde cedo percebi que a cura não era apenas física, mas também mental e espiritual. Essa busca pelo equilíbrio, que se manifestou durante a faculdade, se tornaria, mais tarde, o fio condutor do meu trabalho voluntário com meditação, ligando a ciência ocidental à sabedoria oriental.

4. A UNIÃO DOS SABERES: DA ACUPUNTURA À TERAPIA INTENSIVA

A forte inclinação pela filosofia oriental que surgiu durante a faculdade se consolidou com a Pós-Graduação em Acupuntura (2005-2008), reconhecida pelo Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (COFFITO). A busca por essa formação não era apenas por um título, mas pela integração de saberes: meu Trabalho de Conclusão de Curso refletiu a urgência em validar cientificamente a sabedoria oriental no tratamento da dor. Minha vocação era agora a de unir o Ocidente e o Oriente.

Quase simultaneamente, a semente da minha primeira vocação, a docência, floresceu. Concluí a especialização em Docência do Ensino Superior pelo CESMAC, focada na “Avaliação da prática docente do curso de Fisioterapia”. Reforcei a necessidade de aprimorar o ensino, garantindo uma aplicação profissional baseada em conhecimento e sensibilidade com o aluno e com o professor.

O foco no cuidado intensivo, no entanto, sempre exigiu a qualificação máxima. Em 2013, obtive o título de especialista em Fisioterapia Intensiva Neonatal e Pediátrica por meio de prova de título do COFFITO, uma área que exige atenção e dedicação extremas. E, para consolidar anos de prática e atualização constante, finalizei, em 2024, a pós-graduação *lato sensu* na mesma área pela PUC/RS. Essa jornada de especialização contínua é a resposta para equilibrar a complexidade da UTI com a sensibilidade do cuidado holístico que busco em meu trabalho.

5. OS PALCOS DA COMPLEXIDADE E DA CONSCIÊNCIA

Minha trajetória profissional na Terapia Intensiva consolidou-se em Maceió. Durante os estágios extracurriculares na graduação, percorri hospitais da rede pública e privada e deparei-me com realidades sociais e estruturais profundamente contrastantes. Essa imersão não apenas me formou tecnicamente, mas também aguçou minha consciência social sobre as disparidades no acesso à saúde, reforçando a urgência do meu trabalho.

Iniciei minha jornada profissional em 2003, no Hospital da Santa Casa de Misericórdia de Maceió, onde atuei por muitos anos na UTI Neonatal e Pediátrica, dedicando-me ao cuidado intensivo de recém-nascidos e crianças. Atualmente, sou servidora pública estadual, com dois vínculos efetivos como fisioterapeuta. Em ambos os cargos, dedico-me à complexidade das Unidades de Terapia Intensiva (UTI) Neonatal e Pediátrica, no Hospital da Mulher e na Santa Mônica. É a soma desses dois vínculos efetivos que constitui a intensidade da minha carga horária semanal de 60 horas, um desafio contínuo que busca conciliar o extremo da urgência com a necessidade de equilíbrio.

Meu compromisso se estende da assistência à formação. Atuo ativamente como orientadora, participando do processo de formação de estudantes. E, em meu consultório próprio, resgato o lado holístico da minha formação: atuo como acupunturista, aplicando os princípios da Medicina tradicional chinesa. É nesse consultório que a Edilma intensivista, que lida com o paciente em seu estado mais crítico, se une à Edilma acupunturista, que enxerga o paciente como um ser único e integrado. Em todas as frentes, meu trabalho é uma busca constante pela cura através do equilíbrio.

6. A PRECEPTORIA: FORMANDO O OLHAR INTEGRADO

A semente da docência, que plantei ainda no interior, floresceu na capital. Em 2008, lecionei a disciplina de Terapia Intensiva Neonatal e Pediátrica (teoria e prática) na Faculdade de Alagoas (FAL). No ano seguinte, em 2009, expandi meu campo de ensino para o Instituto de Acupuntura e Terapias Manuais (IATM), atuando como professora no curso de pós-graduação. Minha experiência em sala de aula me permitiu consolidar a união

dos dois mundos que me movem: a urgência da UTI e a sabedoria da acupuntura. Hoje, dedico-me à formação como preceptora de estágio nos hospitais onde atuo. Nesse papel de mentora, ajudo a moldar a próxima geração de fisioterapeutas, transferindo minha expertise do cuidado intensivo e do olhar holístico. Em 2013, a partir de um projeto de pesquisa do qual fui coorientadora, analisamos a “Extubação acidental em pacientes de uma UTI neopediátrica”. O protocolo de cuidados desenvolvido a partir desse estudo foi tão eficaz na redução de extubações não programadas que recebeu elogios da Organização Nacional de Acreditação (ONA). Ver a pesquisa se transformar em segurança real para os pacientes, e em reconhecimento externo, é a maior realização da minha jornada na docência e na assistência.

7. A PESQUISA COMO FERRAMENTA DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

O ingresso no Mestrado PROFEPT não foi apenas uma meta, mas uma jornada de transformação em si. O estudo dedicado ao exame de admissão, a imersão nos textos e o contato com o pensamento dos autores me reacenderam a ambição de ser uma pesquisadora, impulsionando a necessidade de levar minha experiência na prática para a academia.

A produtividade dessa imersão já se manifesta: no início do ano, tive a oportunidade de apresentar trabalhos em um colóquio em Natal/RN e de publicar em uma revista científica, validando minha trajetória na pesquisa.

Optei pela linha de pesquisa que aborda Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos na Educação Profissional e Tecnológica (EPT). Meu objetivo é desenvolver um trabalho que integre escolhas metodológicas e políticas, analisando a educação dentro de um sistema social maior. Eu acredito que a educação é a ferramenta de transformação; ela deve ser vista como parte de um sistema capaz de reduzir desigualdades, transformar realidades e promover a justiça social. É com essa convicção que pretendo criar um produto educacional voltado para a organização dos espaços de aprendizado hospitalar, buscando reflexão e mudança social.

Meu maior desejo é contribuir para uma formação mais equitativa e reflexiva dos profissionais da Saúde, especialmente nos níveis técnicos e tecnológicos, frequentemente marginalizados. Quero refletir e contribuir para a fundamentação de uma educação politécnica, pois a pesquisa é o caminho para o “fervor revolucionário” que buscamos.

8. A MATERNIDADE, O ESGOTAMENTO E O SABOR DE JACA

A maternidade, plenamente desejada, inaugurou minha mais intensa de todas as múltiplas jornadas. Amamenteei cada um dos meus filhos até o primeiro ano de vida e, para sustentar a carga de trabalho de 60 horas, precisei do apoio de uma empregada doméstica que me auxiliasse com a casa e os cuidados diários. No entanto, o apoio familiar direto estava distante, no interior. Na capital, sem essa rede de segurança, coube a mim desdobrar-me: era eu quem os levava para o esporte e a escola, quem dedicava os fins de semana exclusivamente para eles — ensinando higiene pessoal, educação doméstica, ética e revisando a matéria escolar, na época de provas. Quando adoeciam, eu passava a noite em claro, apenas para recomençar o dia na UTI. Essa solidão no cuidado, somada ao trabalho exausto, testou meus limites, mas também me ensinou a força inesgotável que reside na dedicação de uma mãe.

Em contraste com a solidão da vida adulta, o legado do meu pai, sempre um grande incentivador, permanece como uma âncora. Ele foi um pilar em minha formação, um homem de trabalho que fabricava sorvetes na nossa região. E, para mim, ele fazia o melhor picolé de jaca do mundo. Tenho uma lembrança vívida dessa época: eu e minha irmã, sentadas ao lado dele, ajudávamos a tirar os caroços da jaca. O processo era lento, pois comíamos metade da fruta, mas ele apenas ria, com paciência, mandando-nos retirar mais. Essa memória doce, de trabalho, afeto e a simplicidade do interior, me lembra de onde vim e de onde busco a força para equilibrar minhas múltiplas vidas.

9. CONCLUSÃO: A EDUCAÇÃO COMO FERVOR REVOLUCIONÁRIO

A aprovação no Mestrado PROFEPT, conquistada logo na primeira tentativa, simboliza a persistência que me acompanha desde os anos no Agreste alagoano. Não é apenas um marco em minha trajetória; é a validação de uma vida dedicada à busca pelo aprimoramento contínuo.

A imersão na reflexão sobre o mundo do trabalho, o capitalismo e a educação politécnica me impulsiona a questionar práticas educacionais que perpetuam a exclusão. Meu compromisso é ir além da assistência na UTI; é buscar soluções que garantam o direito à educação em saúde de qualidade para todos, combatendo as disparidades que presenciei desde os primeiros estágios em Maceió.

Este é o propósito que me guia: seguir contribuindo, com minha expertise, minha pesquisa e minha voz, para a construção de uma sociedade mais justa, crítica e humana. A educação, em todas as suas formas — do cuidado intensivo à preceptoria — será sempre a minha ferramenta intransigente de transformação social.

REFERÊNCIAS

LIMA, F. B. G.; ROSA, D. S.; SILVA, Claudio Nei Nascimento da. O materialismo histórico e dialético nas pesquisas em EPT: concepções preliminares e princípios metodológicos. In: SILVA, Claudio Nei Nascimento da; ROSA, Daniele dos Santos; GOMES FERREIRA, Marcos Ramon (Org.). **A metodologia da pesquisa em Educação Profissional e Tecnológica**. Brasília: Editora Nova Paideia, 2022. v. 1, p. 143-161. Disponível em: <https://ojs.novapaideia.org/index.php/editoranovapaideia/article/view/242/247>. Acesso em: 29 abr. 2025.

MAIAKOVSKI, Vladimir. **O poeta da revolução**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

TRENTIN SILVEIRA, R. A Relação Professor-Aluno de uma Perspectiva Gramsciana. **Educação & Realidade**, v. 43, n. 1, 4, 2018, p. 97–11.
Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-623664512>. Acesso em: 30 abr. 2025.

CAPÍTULO 5

DE ONDE VENHO, PARA ONDE VOU: REFLEXÕES SOBRE UMA JORNADA ACADÊMICA E PESSOAL

Elízia Soares Silva da Guia⁴

1. INTRODUÇÃO

Este memorial representa uma verdadeira retrospectiva pessoal, relembrando fatos e conquistas que, em muitos casos, já estavam esquecidos. Refazer essa trajetória e traduzi-la em palavras fortalece em mim o desejo constante de evoluir e a certeza de que posso alcançar objetivos além do que consigo visualizar hoje.

2. FORMAÇÃO ACADÊMICA

2.1. Saberes e sabores da infância

Falar da minha infância é revisitar momentos fundamentais para a formação da pessoa que sou. Vivi meus primeiros anos no Conjunto Benedito Bentes, pouco tempo após sua inauguração, onde fiz amizades que permanecem na memória.

Esses amigos costumavam me chamar no portão de casa para participar das brincadeiras. Naquela época, eu passava os dias em casa com meus dois irmãos mais velhos, enquanto nossos pais trabalhavam. Apesar das constantes dificuldades financeiras, éramos gratos por nunca faltar alimento em nossa mesa.

⁴ Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) pelo IFAL. Bacharela em Direito e Comunicação Social, especialista em Docência na EPT e Políticas e Gestão em Segurança Pública, policial militar e docente de Cursos de Formação Profissional. E-mail: essg2@aluno.ifal.edu.br.

Um fato que me recordo com gratidão é da prioridade que meus pais sempre deram aos meus estudos e dos meus irmãos. Por muitos anos não tivemos carro, porque ou investíamos no conforto de ter uma casa estruturada ou investíamos na melhor educação possível. A escolha sempre foi pela educação.

Foi também nessa época que conheci meu atual esposo, Diego da Guia, embora, na ocasião, não imaginássemos o que o destino nos reservava.

Nos últimos anos do Ensino Fundamental, meus irmãos ingressaram no antigo CEFET, hoje IFAL, o que permitiu certa folga no orçamento familiar. Meus pais, então, destinaram os recursos das mensalidades escolares deles à minha educação, possibilitando que eu estudasse em uma escola no centro da cidade.

Sair do bairro e da zona de conforto que representava a escola local foi doloroso, mas decisivo para meu amadurecimento em diversas áreas.

2.2. Tomada de decisões e rumos de vida

Ao final do Ensino Médio, enfrentei minha primeira grande decisão acadêmica: a escolha do curso superior. Durante os três anos do Processo Seletivo Seriado (PSS/UFAL), essa escolha pesava constantemente em minha mente.

Optei por cursar Comunicação Social, com habilitação em Relações Públicas. De alguma forma, comunicar sempre fez parte do meu eu interior. Em 2005, aos 17 anos, fui aprovada na Universidade Federal de Alagoas. No entanto, logo enfrentei um obstáculo: uma greve. E agora? Ficar parada não era uma opção.

Matriculei-me em um cursinho preparatório para concursos públicos. Sem saber exatamente qual concurso prestaria, segui me preparando, até que surgiu a oportunidade para a Polícia Militar de Alagoas. Aos 18 anos, ainda sem compreender completamente os desafios de ser uma policial militar, prestei o concurso, com incentivo e apoio da minha família. Eram 30 mil candidatos para mil vagas. Fui aprovada.

O desafio agora era ainda maior: conciliar o curso superior com a formação profissional em regime integral.

Até hoje me pergunto como consegui. Pegava o primeiro transporte público às 4h30, para chegar ao Trapiche às 6h30. Após um curto intervalo para o almoço, o dia seguia até as 17h30 (isso quando não havia revista de recolher⁵). Dali, pegava um ou dois ônibus até a Cidade Universitária, comia no RU da UFAL, trocava de roupa e assistia às aulas das 18h30 às 22h. Depois, retornava ao Benedito Bentes, lavava o uniforme e preparava tudo para o dia seguinte. Já se passaram 20 anos de atividade até os dias atuais.

Nessa primeira graduação, não consegui usufruir plenamente do conhecimento técnico nem aproveitar todas as oportunidades como meus colegas. No entanto, essa vivência moldou meu senso de empatia, especialmente no exercício da docência, seja ela civil ou militar.

Foi também nos corredores dessa universidade que reencontrei quem viria a ser meu companheiro de vida, com quem formei uma família, completada com a chegada da nossa filha Bianca, hoje com quatro anos.

3. TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

3.1. O despertar para a docência — parte 1

Em 2008 fui convidada a integrar a Chefia de Ensino Integrado da Secretaria de Segurança Pública de Alagoas, responsável por cursos, palestras e capacitações — presenciais e à distância — voltados à formação de agentes de segurança pública.

Estive à frente de palestras e minicursos em parceria com a Secretaria Nacional de Segurança Pública (SENASP), permanecendo nesse setor por onze anos, período que marcou uma importante virada na minha vida profissional.

Em 2009, tive minha primeira experiência em uma disciplina de mestrado como aluna especial, no CEDU/UFAL: “Concepção e Produção de

⁵ Inspeção realizada em horários determinados, geralmente à noite, com o objetivo de verificar a presença e o estado dos policiais militares nas dependências da unidade.

Materiais Didáticos para EAD”. Embora tenha concluído a disciplina, não avancei para o processo seletivo regular por não me sentir pronta naquele momento.

Simultaneamente, fui aprovada como tutora da CIED/UFAL e atuei na Comunicação Social da Polícia Militar de Alagoas, com atividades em criação, jornalismo, eventos e design gráfico.

Fui ainda aprovada em um processo seletivo interno para uma especialização em Políticas e Gestão em Segurança Pública, numa parceria entre SENASP e Faculdade de Alagoas. Em 2016, encarei o desafio da docência na disciplina Ética e Cidadania, no curso de Operador de Frutas e Hortaliças, pelo PRONATEC/IFAL, no *campus* Benedito Bentes.

3.2. A segunda graduação: portas para o mundo

Decidi iniciar uma segunda graduação, desta vez em Direito, no Centro Universitário Cesmac. Agora, com mais estrutura, um veículo, maior disponibilidade de tempo e, sobretudo, maturidade, abracei novas possibilidades.

Participei ativamente da vida acadêmica. Destaco minha aprovação como bolsista em dois projetos de extensão: “Multiplicadores de cidadania no ensino público: difusão em áreas de vulnerabilidade social” e “O Direito para elas: conhecimento e cidadania na unidade de internação feminina de medida socioeducativa”, ambos em Maceió.

O ponto alto dessa fase foi minha aprovação no programa de mobilidade acadêmica CESMAC/Santander Universities, que me levou a cursar um semestre na Universidade do Porto, em Portugal.

Foi meu maior desafio, pessoal e acadêmico. Participei de eventos internacionais, publiquei trabalhos e conheci lugares que nunca imaginei visitar. Essa experiência me rendeu, junto a outros selecionados, o Prêmio de Mérito Acadêmico do CESMAC.

Concluí o curso em 2019 com a sensação de pleno aproveitamento. Contudo, era hora de dar atenção à vida pessoal. Em 2020, nasceu minha filha Bianca, em meio aos desafios da pandemia.

3.3. O despertar para a docência — parte 2

Uma nova fase da vida trouxe também novas práticas pedagógicas. O mundo parou por causa de um vírus, mas a educação não podia parar. Era preciso reinventar formas de ensinar. Foi então que surgiu o trabalho remoto.

Naquele momento, eu já exercia como atividade principal a função de assessora jurídica na Procuradoria Geral do Estado, atuando em processos judiciais movidos contra a Polícia Militar de Alagoas, mais uma porta aberta graças ao curso de Direito.

Preciso destacar que, para mim, o trabalho remoto foi decisivo para conseguir conciliar múltiplas responsabilidades: as demandas profissionais, a vida em família, os cuidados com a casa, os estudos, a maternidade e, ainda, uma nova função que acabara de surgir: a docência em cursos de formação profissional.

Lembro-me bem da minha filha ainda com poucos meses de vida. Entre uma troca de fraldas e outra, durante as longas madrugadas, eu gravava conteúdos de aula para disponibilizar aos alunos no dia seguinte.

Não foi fácil, mas tenho muito orgulho dessa trajetória.

Outro passo importante nessa jornada foi a realização de uma pós-graduação em Docência na Educação Profissional e Tecnológica, pelo Instituto Federal goiano.

Até hoje atuo como docente em diversas turmas: cursos de formação de praças, curso de agente de trânsito e curso de formação da Polícia Científica. Tenho convicção de que, em cada uma dessas experiências, plantei uma semente e colhi um fruto, em forma de aprendizado, crescimento e troca de saberes, com cada pessoa que encontrei pelo caminho.

4. O INGRESSO NO MESTRADO

Já inserida no contexto dos cursos da corporação, surgiu então o desejo de dar um passo a mais na minha formação acadêmica. Fui encorajada a participar do processo seletivo do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT).

No primeiro processo seletivo, em 2022, fiz apenas a inscrição: paguei a taxa e fui com a cara e a coragem. O resultado? Como era de se esperar, foi negativo.

No ano seguinte, em 2023, decidi me dedicar à prova. Estudei a fundo cada texto da bibliografia e prestei atenção aos mínimos detalhes. Fiz uma excelente prova, mas ainda assim não foi suficiente para conquistar a tão sonhada vaga no mestrado.

Chegamos a 2024, e justamente no período em que foi divulgada a bibliografia do Exame Nacional de Acesso, minha filha precisou ser internada. Diante dessa situação, eu estava decidida a não fazer a prova. Somente em janeiro de 2025, com a estabilização do quadro clínico dela, consegui reunir forças e prosseguir. Um dia antes do encerramento das inscrições, finalizei o processo e paguei a taxa.

Sabia que, para ter alguma chance, precisaria me dedicar mais do que já havia feito no ano anterior. E assim fiz: mergulhei nos estudos, devorei os conteúdos. Mas também precisei dividir minha atenção com a rotina intensa de cuidar de uma criança de quatro anos.

Na véspera da prova, por ironia do destino, fui acometida por uma virose. A noite anterior foi péssima, e passei a manhã da prova deitada no sofá, exausta. Pensei seriamente em desistir. O que eu poderia fazer numa prova naquele estado de saúde? Nem eu mesma sabia. Mas algo dentro de mim dizia que eu precisava ir e tentar dar o meu melhor, que não poderia me deixar vencer pelo desânimo antes mesmo de tentar.

E eu fui. Fiz a prova, voltei para casa, entreguei o gabarito ao meu esposo para que corrigisse e voltei a descansar.

Acordei com ele dizendo que o resultado da prova havia sido melhor do que no ano anterior. Como explicar isso? Só Deus, em sua infinita bondade e misericórdia, poderia.

Seguiram-se alguns dias de tensão até o resultado final: aprovada!

5. CONCLUSÃO

Sei que a jornada é longa e que está apenas começando. Muitos desafios já foram superados, e tenho consciência de que tantos outros ainda

virão. Mas aprendi que reconhecer de onde vim, saber quem sou, confiar na minha capacidade de superar obstáculos e acreditar no meu potencial é o que me tornará merecedora deste título de mestra.

6. REFERÊNCIAS

ALAGOAS. **Decreto nº 37.042**, de 6 de novembro de 1996. Aprova o Regulamento Disciplinar da Polícia Militar do Estado de Alagoas. Diário Oficial do Estado de Alagoas, Maceió, AL, 7 nov. 1996. Disponível em: <https://www.apostilasopcao.com.br/arquivos-opcao/erratas/11894/70956/decreto-37-042-de-06-11-96-rdpmaal.pdf>. Acesso em: 15 maio 2025.

CAPÍTULO 6

AS PARTES QUE ME CONSTROEM

Hermanes Abreu Rodrigues⁶

1. INTRODUÇÃO

A construção deste memorial me proporcionou uma significativa reflexão sobre minha trajetória e as experiências que moldaram quem sou. Ao revisitar momentos marcantes da minha vida, reconheci os pilares que me sustentam: a família, o exemplo dos meus pais, a fé e a resiliência diante das adversidades. Compreendi que a vida é um processo contínuo de construção, no qual transformamos a dor em força e os sonhos em ação. Compartilho aqui os caminhos que percorri, os aprendizados que me fortaleceram e os valores que orientam minha jornada. Optei por estruturá-lo em uma sequência cronológica, com o intuito de facilitar a compreensão do meu percurso pessoal, profissional e acadêmico. Espero, assim, que minha história atenda ao propósito para o qual este memorial está sendo produzido e, quem sabe, sirva de inspiração para os que vierem a lê-lo.

Sou Hermanes Abreu Rodrigues, natural de Palmeira dos Índios/AL e residente em Arapiraca/AL. Sou o filho mais novo de uma família composta por meu pai, Manoel, técnico em contabilidade, minha mãe, Maria Verônica, dedicada ao lar, e meu irmão, Emmanuel. Aos três anos, nos mudamos para Arapiraca em busca de melhores condições de vida, o que influenciou diretamente minha formação pessoal e educacional. Desde cedo, os exemplos de esforço e perseverança dos meus pais marcaram minha visão de mundo. Meu pai, mesmo com bons resultados em concursos, enfrentou barreiras

⁶ Mestrando em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) pelo IFAL. Bacharelado em Serviço Social pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). Local de trabalho: IFAL, Campus Arapiraca. Linha de Pesquisa 2: Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos na Educação Profissional e Tecnológica (EPT), sendo orientado no ProfEPT/IFAL pelo professor permanente deste PPG dr. André Suêlto Tavares de Lima. E-mail: hermanes.rodrigues@ifal.edu.br.

externas e conflitos de interesse que o impediram de conquistar um cargo público. Essa realidade me ensinou sobre coragem, determinação e resiliência.

2. PRIMEIROS PASSOS NA ESCOLA

2.1. Os anos iniciais

Minha trajetória educacional teve início em 1987, aos quatro anos de idade, e se deu, majoritariamente, na rede pública. Na educação pré-escolar, estudei em uma escola particular (Pato Donald, hoje Escola Santa Catarina). Aos sete anos, migrei para a rede pública, passando pelas escolas Costa Rego, Tibúrcio Valeriano e Quintela Cavalcante, onde, em 2002, concluí o Ensino Médio.

2.2 Primeiros desafios profissionais

Aos 17 anos, influenciado pelo exemplo do meu pai, que sempre valorizou o trabalho desde cedo, iniciei minha trajetória laboral. Embora o valor da educação fosse reconhecido em casa, a prioridade sempre foi ingressar no “mercado de trabalho” e construir uma carreira profissional com base na experiência prática. Seguindo esse caminho, entrei na mesma farmácia em que meu irmão havia começado a trabalhar. Permaneci lá por nove anos, iniciando como *office boy* e progredindo gradualmente. Atuei como estoquista, lidando com o armazenamento e a logística de medicamentos, experiência que despertou meu interesse pelos segmentos nas áreas de farmácia e saúde. Posteriormente, avancei para o setor de vendas, onde aprendi sobre atendimento, escuta ativa e responsabilidade no trato com o público. Com dedicação, fui promovido a subgerente, depois gerente substituto e, por fim, gerente de uma das unidades. Para alguém de origem simples, alcançar esse cargo foi um marco importante para mim.

2.3 A iniciativa privada e o sonho do serviço público

Durante minha atuação no setor privado, percebi a instabilidade a que muitos colegas estavam sujeitos, o que contrastava com a segurança oferecida pelo serviço público. Essa constatação me levou a buscar novos caminhos profissionais, conciliando o trabalho com os estudos para concursos. Prestei diversos certames, como os da Escola de Sargento das Armas, PM-AL, Corpo de Bombeiros, Prefeitura de Arapiraca e Companhia Energética de Alagoas (CEAL). Em 2008, um ano marcante em minha vida, casei-me e fui aprovado no concurso da CEAL. Embora o cargo a princípio não exigisse uma formação específica, aceitei o desafio, motivado pela estabilidade e pelas melhores condições para minha família.

Na CEAL, empresa de economia mista com capital majoritariamente público, iniciei como auxiliar técnico, atuando como eletricista de manutenção em baixa e média tensão, uma função de alto risco, esforço físico e responsabilidade. Mesmo diante da jornada extenuante, permaneci firme, determinado a consolidar minha transição para o serviço público. Posteriormente, atuei em setores como o Centro de Operação de Distribuição, manutenção de redes, georreferenciamento e manutenção de equipamentos de média tensão. Nessas áreas, ampliei meus conhecimentos técnicos e contribuí de forma efetiva para o funcionamento da companhia.

3. REINVENTAR-SE: NOVAS FORMAÇÕES, NOVOS HORIZONTES

3.1. A graduação

Desde meu ingresso na Companhia Energética de Alagoas, em 2008, já circulavam rumores sobre a possibilidade de privatização da empresa, tanto por parte do governo estadual quanto do federal. Posteriormente, a concessão passou a ser administrada pelo governo federal, com a mudança da razão social para Eletrobras Distribuição Alagoas. Ainda assim, as ameaças de privatização se intensificavam, trazendo insegurança e inquietações quanto ao futuro. Minha expectativa, ao ingressar no serviço público, era de estabilidade,

mas a realidade mostrou-se diferente.

Apesar das incertezas, a empresa oferecia uma gama significativa de benefícios, como auxílio-creche, auxílio-transporte, tíquete de alimentação, reembolso do plano de saúde, auxílio-babá e o custeio de 90% da mensalidade do curso superior para os servidores em sua primeira graduação. Sempre tive afinidade com os estudos, e mesmo com uma rotina profissional exaustiva, essa oportunidade despertou em mim o desejo de ingressar no Ensino Superior.

Minha primeira intenção foi o curso de Farmácia, devido aos interesses pessoais e às experiências prévias nessa área. No entanto, a ausência do curso na cidade de Arapiraca e minha impossibilidade de me deslocar diariamente para Maceió, somadas às responsabilidades familiares, me levaram a buscar uma alternativa mais viável. Foi assim que, em 2009, iniciei o curso de Bacharelado em Serviço Social na Universidade Luterana do Brasil. Essa possibilidade de conciliar trabalho, estudo e vida pessoal me permitiu ingressar no Ensino Superior sem comprometer minha estabilidade familiar e profissional.

Ao longo da minha trajetória acadêmica, pude vivenciar uma formação que contribuiu significativamente para ampliar minha visão crítica sobre a realidade social, política e econômica do país. Esse percurso fortaleceu minha identidade profissional e possibilitou uma compreensão mais profunda do papel do assistente social diante das desigualdades sociais. A formação teórica, ética, política e metodológica me forneceu instrumentos para compreender os contextos socioeconômicos e culturais, identificar as expressões da questão social e elaborar estratégias de intervenção comprometidas com a transformação social.

As experiências práticas ganharam ainda mais força nas disciplinas de Estratégias Metodológicas em Serviço Social, Práticas Interventivas Supervisionadas e nos estágios em Serviço Social. Tive a oportunidade de participar de um projeto de pesquisa junto a comunidades em situação de vulnerabilidade social no município de Arapiraca. Paralelamente, atuei como estagiário no programa PRONATEC, vinculado à Prefeitura Municipal, o que me proporcionou um contato direto com a gestão social e a operacionalização

das políticas públicas.

No contexto do PRONATEC, pude compreender como as políticas de educação profissional e tecnológica se articulam às demandas sociais para ampliar o acesso à qualificação e à inclusão produtiva de segmentos historicamente marginalizados. Essa experiência foi crucial para fortalecer minha percepção do Serviço Social como uma profissão estratégica na mediação entre os sujeitos e os direitos sociais, sobretudo no que se refere à inserção no mundo do trabalho e à superação de desigualdades estruturais.

Concluí minha graduação em Serviço Social em 2014. A partir de então, os riscos constantes de privatização na Eletrobras Distribuição Alagoas me levaram a buscar outras perspectivas profissionais. Comecei a me preparar para concursos na área do Serviço Social e em outras áreas com as quais eu tivesse afinidade. Nesse mesmo período, minha esposa e eu já tínhamos nosso filho, Levi, que então contava com dois anos de idade. Ela cursava Arquitetura e estava sem trabalho, o que fazia com que toda a responsabilidade financeira da família estivesse sobre os meus ombros.

3.2. A formação técnica

Diante dessa realidade e do crescente senso de responsabilidade familiar, busquei alternativas mais concretas de inserção no mercado de trabalho. Foi nesse contexto que decidi fazer um curso técnico em Enfermagem. Ingressei, então, no Centro Profissionalizante de Alagoas (CEPROAL). Mesmo que essa formação não me garantisse, de imediato, uma atuação como profissional de nível superior, eu via na área da Saúde um campo mais alinhado com meus interesses e experiências. Compreendia que essa formação poderia me proporcionar melhores oportunidades relacionadas à estabilidade do que o cargo que eu então ocupava, como eletricista de redes de manutenção de baixa e média tensão.

A formação técnica em Enfermagem representou um importante momento de aprendizado e reflexão. Através das disciplinas, pude conhecer fundamentos do cuidado em saúde, anatomia, farmacologia, ética e saúde coletiva. As vivências nos estágios, realizados em unidades básicas e

hospitais, me permitiram acompanhar a rotina dos serviços de saúde e observar de perto o esforço dos profissionais diante das limitações do sistema. Apreendi muito com o contato direto com pacientes e equipes, entendendo que o cuidado vai além da técnica, envolve escuta, empatia e presença. Essa experiência, embora desafiadora, contribuiu para ampliar minha visão sobre a importância do trabalho em saúde e sobre o papel de cada profissional na garantia do atendimento à população. Mais do que uma qualificação, foi um caminho que reforçou valores que levo comigo.

Em 2016, concluí o curso técnico em Enfermagem. Com essa nova formação, outras oportunidades passariam a surgir. Ocorriam, com certa frequência, concursos para prefeituras municipais e para a Secretaria de Estado da Saúde. Além da possibilidade de ingresso no mercado privado, caso fosse uma última alternativa. Eu entendia que a prioridade seria garantir a subsistência, minha e da minha família. Que, por sinal, nesse período, já contava com mais um integrante: nosso filho, Levi.

3.3. O ingresso no IFAL

Em 2016 prestei concurso para o cargo de técnico em enfermagem no Instituto Federal de Alagoas e tive a felicidade de ser aprovado. Essa conquista representou um passo importante diante da responsabilidade que sentia em garantir melhores condições para minha família. Tomei posse em novembro de 2017 e, desde então, venho exercendo minhas funções com compromisso, responsabilidade e profissionalismo. Tenho buscado atuar em consonância com os princípios do serviço público, contribuindo com as ações da Política de Assistência Estudantil, cujo objetivo central é assegurar a permanência e o êxito dos estudantes ao longo de sua trajetória na instituição.

3.4. Entre o adeus e o amor que permanece

Em agosto de 2018, nossa família foi surpreendida com uma notícia que mudou completamente os nossos planos. Durante uma consulta de rotina, a ginecologista identificou algo incomum em um dos ovários da minha esposa

e solicitou exames complementares. Recebemos, então, a pior notícia de nossas vidas: Jiselli havia sido diagnosticada com câncer. Evito me alongar em detalhes emocionais, mas é impossível rememorar esse período sem que a memória traga, junto, a sensação de impotência e a reflexão sobre o que realmente importa na vida. Foram quase doze meses de luta intensa: viagens, internações, quimioterapias, e, acima de tudo, muita fé e força da própria Jiselli. A fé em Deus e o apoio da família e dos verdadeiros amigos foram essenciais para que seguíssemos.

Em setembro de 2019, experimentei a maior dor da minha vida: a perda da minha esposa, meu amor, minha companheira, a qual tive a graça de desfrutar a vida por 21 anos ao seu lado. Sua partida me deixou sem chão, sem rumo e paralisou qualquer plano ou meta que existisse naquele momento. Precisei ressignificar a vida. Rever conceitos, prioridades e direcionar todas as minhas forças para o nosso Levi, que, na época, tinha apenas sete anos de idade. Passei a viver, na prática, o significado do termo “pai solo”. Era necessário estar forte para que nosso filho se sentisse acolhido nas diversas formas que uma criança precisa.

Busquei manter nele vivas as boas lembranças e o amor da sua mãe e, mesmo sem saber exatamente como, fiz o possível para que continuasse sendo o menino forte e amado de sempre. Tive, e sigo tendo, o suporte dos meus familiares na continuidade da criação do Levi, em especial dos meus pais e dos pais da Jiselli. Vivi um período de recolhimento e silêncio. Um tempo necessário para reorganizar pensamentos, acolher minha dor e buscar algum equilíbrio diante da nova realidade. Foi uma pausa íntima, de reflexão, em que precisei reunir forças para continuar, não apenas por mim, mas, sobretudo, pelo Levi.

4. DO AMOR QUE FICOU AO AMOR QUE CHEGOU

Por mais difícil que seja dizer isso, a vida precisou seguir. Em meio a esse processo de reconstrução, fui agraciado com um presente de Deus: o nascimento do meu segundo filho, Miguel Otávio, em novembro de 2021. Sua vinda foi motivo de grande alegria para todos nós. Miguel completa as nossas

vidas e trouxe consigo novos significados, esperança e leveza aos nossos dias. Em 2023, voltei a considerar a possibilidade de cursar uma nova graduação. O curso de Farmácia, um desejo antigo, agora poderia ser alcançado, uma vez que a cidade onde resido passou a contar com instituições que o ofertam.

Iniciei, então, a graduação em Farmácia pela Faculdade Uninassau. Hoje, estou cursando o quinto semestre e confesso que estou gostando muito. Em 2024 participei do Exame Nacional de Acesso ao PROFEPT e tive a felicidade de ser aprovado. Atualmente, curso concomitantemente a graduação em Farmácia e o Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT).

5. CONCLUSÃO

Por fim, sigo aqui com fé, resiliência e a confiança de que tudo o que acontece em nossas vidas tem um propósito. Escolhi aceitar, confiar em Deus e, assim, continuar a caminhada com gratidão por tudo o que vivi, por tudo o que aprendi e por tudo o que ainda está por vir.

6. REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, Ricardo Jorge de Sousa; MEIRELLES, Nelson Vieira da Silva; LIMA, André Suêlto Tavares de (Org.). **Memórias sobre si**: deslocamentos pessoais, profissionais e acadêmicos de mestrandos/as do PROFEPT/IFAL - Volume III. Maceió-AL: Kattleya, 2024.

CAPÍTULO 7

A EDUCAÇÃO COMO DESVELAMENTO DO HOMEM

José Clebson Guilherme da Silva⁷

1. INTRODUÇÃO

Elaborar um memorial acadêmico é mais do que narrar uma trajetória linear; é revisitar o passado com um olhar crítico e afetivo, reconhecendo os marcos formativos construídos em meio a lutas, afetos, sonhos e contextos desafiadores. Ao escrever este texto, percorro novamente os caminhos que moldaram minha existência como aprendiz e educador, desejando que essa história dialogue com quem acredita na potência transformadora da educação.

Este memorial busca, portanto, não apenas apresentar uma cronologia de fatos, mas refletir sobre os significados que emergem dos percursos vividos. Cada fase da minha vida foi atravessada por desafios que, longe de me paralisarem, fortaleceram minha construção como cidadão, profissional e sujeito social.

2. AS RAÍZES DA MINHA TRAJETÓRIA

Nasci em 21 de novembro de 1987, em Maceió, capital de Alagoas. Meus pais são naturais de Olho d'Água das Flores, no Médio Sertão alagoano. Migraram para a capital na década de 1980, como tantos sertanejos, em busca de trabalho e melhores condições de vida.

⁷ Mestrando no Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) do Instituto Federal de Alagoas (IFAL), Campus Benedito Bentes. O autor deste capítulo desenvolve trabalho na linha de pesquisa 2 "Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos na EPT", sob orientação do professor Dr. Fábio Francisco de Almeida Castilho. E-mail: clebson.silva@ifal.edu.br.

Minha infância foi atravessada por essa migração, que não representou uma ruptura com as origens, mas sim a ampliação das fronteiras afetivas e culturais.

Carrego com orgulho o nome José, uma homenagem a São José, padroeiro dos trabalhadores e dos moribundos. A escolha, feita a pedido do médico que acompanhou meu nascimento, expressa uma tradição comum no Nordeste: nomes que são também símbolos de fé, proteção e história familiar. Como lembra Câmara Cascudo (1984), a escolha por nomes de santos representa um pedido de bênção e identidade espiritual para a criança.

Meu pai era operador de máquinas pesadas, e minha mãe, dona de casa. Cresci observando a rotina árdua de meu pai e tive a oportunidade de trabalhar ao seu lado em algumas ocasiões, experiência que me marcou profundamente. Aprendi desde cedo o valor do esforço e da dignidade de quem luta diariamente.

Olho d'Água das Flores sempre foi nosso refúgio afetivo. Cada viagem representava uma reconexão com as raízes sertanejas, com valores de solidariedade e com a beleza da vida simples, elementos essenciais na formação do meu olhar sobre o mundo.

3. A DESCOBERTA DO SABER: A ESCOLA COMO REVELAÇÃO

Minha entrada na escola foi marcada por resistência. Com três anos, ainda não compreendia aquele novo espaço. Após uma tentativa frustrada, retornei no ano seguinte e, dessa vez, fui cativado pelo universo escolar. A Escola Moranguinho acolheu minhas primeiras descobertas com letras, números e histórias.

Estudei em várias instituições públicas de Maceió: Escola Rotary (Tabuleiro Novo), Escola Municipal Haroldo da Costa (Salvador Lyra) e Escola Estadual Irene Garrido (Dubeaux Leão). As mudanças constantes foram desafiadoras, mas ampliaram meu olhar sobre a diversidade dos ambientes educacionais. No Ensino Fundamental II, percorria cerca de quatro quilômetros entre casa e escola, muitas vezes a pé ou de bicicleta, aprendendo, além dos

conteúdos, sobre resistência e economia.

No Ensino Médio, na Escola Irene Garrido, comecei a sonhar em retornar àquele espaço como educador. Vivenciei a força das amizades, a construção de valores e a formação do caráter. Alguns professores tornaram-se referências marcantes. A escola foi muito além de um ambiente de aprendizado: era espaço de construção de identidade e pertencimento.

4. TRABALHAR E ESTUDAR: UMA ESCOLHA NECESSÁRIA

Ao concluir o Ensino Médio, a urgência do mercado de trabalho me levou a enfrentar a realidade de muitos jovens brasileiros: buscar emprego antes mesmo de sonhar com a universidade.

Trabalhei em uma distribuidora de medicamentos, onde recebi meu primeiro salário; fui repositor no Supermercado Via Box por dois anos e, depois, no Gbarbosa; e atuei como auxiliar de produção nas obras do Shopping Pátio.

Experiências árduas, mas que fortaleceram minha convicção de que os estudos seriam a via para transformar minha realidade. As longas jornadas e os baixos salários reforçavam diariamente a importância da educação como instrumento de emancipação social.

Em 2008, decidi prestar vestibular para o curso de Licenciatura em Geografia na Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Fui aprovado na última vaga, conquista que representou uma enorme alegria. Ingressar na universidade foi como abrir uma janela para um novo mundo.

5. O DESAFIO DA UNIVERSIDADE

A UFAL foi um divisor de águas. Por precisar trabalhar, não pude participar de projetos de pesquisa, extensão ou bolsas acadêmicas. Meu objetivo era concluir o curso e atuar como professor. Nesse período, enfrentei um problema de saúde que me afastou da universidade por quase um ano. A formatura foi adiada, mas não minha determinação.

Foi nas conversas com colegas que já eram servidores públicos que passei a vislumbrar um novo projeto de vida: o serviço público como possibilidade de atuação estável e comprometida com a educação. Estudar geografia ampliou minha visão crítica e aprofundou meu interesse pelas dinâmicas sociais, políticas e ambientais.

6. ENTRE CONCURSOS E ESCOLHAS: O SERVIDOR PÚBLICO

Após concluir a graduação, iniciei uma rotina intensa de estudos para concursos. Comprei um computador, assinei internet banda larga e mergulhei nas videoaulas e nas apostilas. Depois de algumas tentativas frustradas, fui aprovado, em 2014, para o cargo de professor de Geografia na SEDUC/AL. Em 2016, fui nomeado também pela Prefeitura de Chã Preta, alcançando uma estabilidade financeira maior.

Em 2018, casei-me com Thais, minha parceira de vida, que compartilha comigo sonhos e projetos. Nesse mesmo ano, participei do curso de formação da Polícia Militar de Alagoas, mas percebi que aquela instituição não correspondia à minha vocação. Pedi baixa e retornei ao magistério.

Em 2019, fui agraciado com uma das maiores alegrias da vida: tornei-me pai de Mateus. A paternidade transformou profundamente meu olhar sobre o mundo, a educação e o futuro.

Em 2020, recebi a convocação do Instituto Federal de Alagoas (IFAL) para o cargo de técnico em assuntos educacionais no *campus* São Miguel dos Campos, um marco que deu início a uma nova fase.

7. O IFAL COMO PORTA PARA NOVOS MUNDOS

Ingressar no IFAL foi uma das decisões mais acertadas da minha vida. A instituição ampliou meu horizonte sobre educação pública de qualidade, comprometida com inclusão, formação crítica e desenvolvimento regional.

Participei de projetos de formação continuada, cursos internos e debates institucionais sobre inclusão, diversidade, inovação curricular e

políticas educacionais. Atuei no apoio a estudantes e professores, articulando ações educativas e administrativas. Essa vivência reforçou minha compreensão da educação como prática social transformadora.

Nesse contexto, meu desejo por uma formação mais aprofundada começou a ganhar força. Conversas com colegas e experiências institucionais me mostraram o quanto um mestrado poderia contribuir para minha atuação profissional e para o próprio IFAL.

8. O SONHO DO MESTRADO

Em 2024, decidi me candidatar a três programas de mestrado: UFAL, UFS e IFAL. Fui aprovado no PRODEMA/UFS e iniciei as aulas, mas aguardava ansiosamente o resultado do PROFEPT, por desejar estudar no mesmo espaço onde atuo.

Quando meu nome apareceu na lista de aprovados do PROFEPT/IFAL, senti que meus esforços haviam sido reconhecidos. Solicitei desligamento do PRODEMA e iniciei minha jornada como mestrando, com o desejo de pesquisar práticas institucionais, inclusão, gestão e formação docente.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Minha história é feita de resiliência, fé e trabalho. A educação foi, para mim, um caminho de libertação e reconstrução. Hoje, no IFAL, reconheço-me como servidor comprometido e pesquisador em formação, disposto a contribuir com uma educação pública inclusiva, crítica e transformadora.

Este memorial é, sobretudo, uma celebração da potência de quem ousa sonhar e persiste. Espero que inspire outros profissionais da educação a não desistirem de seus propósitos.

REFERÊNCIAS

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 13. ed. rev.

e ampl. Rio de Janeiro: Editora Global, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

CAPÍTULO 8

TRABALHO VIVO: EXPERIÊNCIAS, AFETOS E PRÁTICAS DE TRANSFORMAÇÃO

Kalina Karla de Moraes Veloso⁸

1. PALAVRAS QUE ABREM CAMINHOS

Escrever um memorial é percorrer a própria história pela via da linguagem, reconhecendo que a narrativa não apenas descreve o sujeito, mas o constitui. A Psicanálise aponta que é na fala — esse fio simbólico que organiza a experiência — que o sujeito se inscreve, interpreta e reinscreve sua trajetória. Freud (1996), ao tratar das “construções em análise”, já indicava que narrar é elaborar; Lacan (1953) amplia essa compreensão ao afirmar que é pela linguagem que o sujeito se funda e se reconhece.

Dessa forma, o memorial torna-se um dispositivo de leitura de si: um gesto de retorno que enlaça memória, afeto e história, abrindo caminhos para compreender como as experiências individuais se articulam com o tecido social. Lemos (2009) destaca que narrar é produzir sentidos; Foucault (1994) lembra que a identidade é sempre atravessada por forças históricas e culturais. Assim, este texto é travessia, elaboração e reconhecimento: de onde venho, quem me tornei e por quais sentidos sigo caminhando.

⁸ Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) pelo IFAL. Graduada em Psicologia (UFAL), especialista em Saúde da Família por meio da Residência Multiprofissional em Saúde da Família (UNCISAL). Psicóloga organizacional e do trabalho e consultora empresarial. Bolsista FAPEAL/CNPq. E-mail: kkmv1@aluno.ifal.edu.br.

2. RAÍZES E CONEXÕES: O LEGADO QUE ME CONSTITUI

Meu nome é Kalina Karla de Moraes Veloso, recifense, filha de Maria das Graças e Valcides, casada com Thiago, também recifense, e mãe das alagoanas Letycia e Lavínia. Falar de mim é falar também da minha origem familiar: de suas histórias, esforços, possibilidades e limites. A ancestralidade me constitui como herança afetiva, simbólica e ética.

Minha mãe nasceu em 1959, em uma família pobre, sendo a primeira mulher de nove filhos. Enfrentou dificuldades sociais e emocionais, mas construiu um caminho de superação. Graças à sua dedicação, pude estudar em uma escola privada como bolsista, oportunidade fundamental para minha formação.

Meu pai, nascido na zona rural de Pernambuco, vivenciou a pobreza e a migração do campo para a cidade ainda na infância. Determinado, investiu em cursos técnicos, alcançando estabilidade profissional, até que um acidente o levou a reinventar-se como artesão. A força e a criatividade dos meus pais moldaram minha forma de existir.

A minha infância foi marcada pela relação intensa com a escola, pela autonomia e pela sensibilidade à linguagem. Desde cedo percebia o poder transformador do estudo. Desejei muitas carreiras — letras, psicologia, jornalismo — até ingressar inicialmente no Jornalismo, guiada pelo amor às palavras.

3. O MUNDO DO TRABALHO E AS REAVALIAÇÕES NECESSÁRIAS

Trabalhei pela primeira vez aos 15 anos, digitando provas, oportunidade apresentada por uma tia querida, irmã mais nova da minha mãe. Depois vieram eventos, telemarketing e assessoria de comunicação.

As experiências em comunicação foram potentes, mas também adoecedoras. A sobrecarga e a desvalorização do jornalismo me levaram ao esgotamento, resultando na decisão de abandonar o curso a um semestre da conclusão.

Essa ruptura dolorosa abriu espaço para uma pergunta essencial: qual trabalho sustenta minha vida com sentido? A resposta viria com o reencontro com Thiago em 2008, a mudança para Maceió em 2010 e o ingresso na Psicologia, desejo antigo que finalmente encontrou seu lugar.

3.1 A Psicologia: formação e experiência interdisciplinar

Graduei-me em Psicologia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL) (2011–2016), em uma formação intensa e marcada pela interdisciplinaridade. Durante a graduação, participei de iniciação científica, integrei projetos de extensão, atuei no Programa de Orientação para o Trabalho na Saúde (PróPET-Saúde), realizei monitorias em disciplinas acadêmicas, apresentei trabalhos em congressos, construí artigos e desenvolvi estágio em Saúde do Trabalhador, fundamentado na Política Nacional de Humanização.

Todas as minhas disciplinas eletivas foram cursadas no curso de Administração, o que revela um interesse orgânico — ainda que não plenamente consciente à época — pela gestão, pelos processos coletivos e pela articulação entre Psicologia, trabalho e organização.

A experiência de intercâmbio na Universidade do ABC Paulista (UNIABC), em São Paulo, também ampliou meu horizonte acadêmico ao me inserir em um contexto cultural e institucional distinto, que, embora brasileiro, apresentava outras dinâmicas, desafios e fronteiras para a prática da psicologia. Essa vivência expandiu minha compreensão sobre pluralidade, interdisciplinaridade e formação profissional.

Ingressei na Residência Multiprofissional em Saúde da Família (UNCISAL), atuando na Atenção Básica, Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF), no setor de Coordenação dos Distritos Sanitários e no Serviço de Assistência Especializada (SAE) do Hospital Escola Helvio Auto (HEHA). Desenvolvi atividades assistenciais, de gestão, de planejamento, de vigilância e de educação permanente. Publiquei capítulo sobre a Psicologia no SUS e produzi um *e-book* de acolhimento a pacientes com doenças infectocontagiosas, com colegas parceiras que fizeram parte da caminhada.

Ao final da residência, grávida da minha primeira filha, decidi pausar a vida profissional para viver a maternidade com presença e entrega.

3.2 Maternidade, ressignificações e reinvenção

A maternidade transformou profundamente meu modo de estar no mundo. Em 2019, nasceu Letycia; em 2020, Lavínia, prematura, em plena pandemia. Dois puerpérios intensos, atravessados por amor, medo, exaustão e descobertas.

Quando tentei retornar ao trabalho, após três anos imersa na maternagem, encontrei portas fechadas. A maternidade ainda é usada como justificativa tácita para exclusões no mundo do trabalho. Após quase um ano de tentativas, percebi que precisava reinventar minha inserção profissional.

Foi numa conversa aparentemente simples — “O que falta para ela ter o próprio negócio?” — que uma nova possibilidade ganhou forma. Assim nasceu a Veloso Consultoria, uma empresa orientada à humanização, ao desenvolvimento de pessoas e à saúde do trabalhador.

3.3 Poesia, linguagem e projetos

Acredito na educação como potência transformadora e na linguagem como morada ética da experiência humana. Minha escrita é meu modo de pensar o mundo, de simbolizar afetos e de construir instrumentos de trabalho. E a poesia, em particular, me atravessa como delicadeza e como método: ela me permite ver o que escapa, nomear o que não tem nome e transformar experiência em sentido.

A Psicanálise lacaniana, a psicodinâmica do trabalho de Dejours e a Clínica da Atividade de Clot compõem o arcabouço teórico que orienta minha práxis. Esses referenciais⁹ sustentam minha escuta, fundamentam minha

⁹ A Psicanálise lacaniana (1953) compreende o sujeito como constituído pela linguagem e pelo inconsciente estruturado como uma rede simbólica; a psicodinâmica do trabalho, proposta por Christophe Dejours (1992), investiga as relações entre organização do trabalho, sofrimento e prazer; e a Clínica da Atividade, desenvolvida por Yves Clot (2006), analisa o trabalho real e

atuação clínica e organizacional e dão forma ao Programa Envolver — um projeto de Educação Profissional voltado à qualificação contínua de trabalhadores, ao fortalecimento institucional e à promoção de saúde no trabalho.

Atualmente, meus interesses de estudo têm como eixo o fenômeno do trabalho, especialmente no que diz respeito aos riscos psicossociais, à saúde mental e aos aspectos socioemocionais na educação. São temas que atravessam minha trajetória e que também alimentam meu desejo pela docência. Esses interesses se articulam diretamente ao objetivo da minha pesquisa no mestrado, que busca analisar como docentes da Educação Profissional e Tecnológica (EPT) compreendem e mobilizam aspectos socioemocionais em sua prática pedagógica, identificando tensões, potencialidades e suas articulações com a formação humana integral.

4. O INGRESSO NO MESTRADO

O mestrado sempre esteve em meu horizonte, mas nunca desejei que fosse uma formação exclusivamente ancorada na Psicologia ou limitada ao universo acadêmico tradicional. Percebo que, muitas vezes, nesses espaços há uma disputa de egos que compromete o verdadeiro objetivo da formação: a produção de conhecimento com impacto social.

Acredito que o mestrado, mesmo sendo uma experiência exigente, deve também ser um espaço humanizado e produtor de saúde. Um lugar onde seja possível pensar a prática de forma crítica e comprometida com o bem comum. Por isso a proposta de um mestrado profissional sempre me soou mais coerente com o momento que vivo. Quero refletir sobre minha própria prática para que aquilo que faço empreste consequências sociais reais, transformadoras.

Ao conhecer o Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT), me conectei com a proposta quase que automaticamente. Enxerguei ali um campo fértil para aprofundar reflexões,

busca transformar as atividades a partir do diálogo entre trabalhadores, ampliando o poder de agir.

sistematizar minha experiência e desenvolver ferramentas teórico-metodológicas que fortaleçam minha atuação.

Além disso, acredito que o mestrado pode também cumprir um papel importante no enfrentamento de um sentimento que, por vezes, me atravessa: o de solidão. Às vezes sinto que o que faço caminha na contramão da lógica produtivista que estrutura o sistema. Partilhar esse percurso com outros profissionais é como sustentar o caminhar e renovar o fôlego da travessia.

5. ENTRE O QUE PERMANECE E O QUE SE TRANSFORMA: CONSIDERAÇÕES (IN)FINAIS

Este memorial não é um ponto de chegada, tampouco uma conclusão; é antes uma travessia em palavras, uma tentativa de registrar, com sensibilidade e rigor, as escolhas que me constituem enquanto mulher, profissional e cidadã. Escrever sobre a própria trajetória é também um modo de reinscrevê-la, de perceber os sentidos que se entrelaçam e os movimentos que se desdobram no tempo. O que permanece é o compromisso com a ética, com a escuta, com o humano. O que se transforma são os caminhos, as formas de fazer, os modos de habitar os espaços de trabalho e de convivência.

Acredito que há potência em reconhecer a impermanência como parte da existência, e que é justamente essa consciência que nos permite seguir criando, aprendendo e ressignificando. Desejo que este percurso continue vivo em mim e que ele se amplifique no encontro com outras trajetórias, com outros saberes e com outras práticas.

6. REFERÊNCIAS

CLOT, Yves. **A função psicológica do trabalho**. Petrópolis: Vozes, 2006.

DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho**. São Paulo: Cortez-Oboré, 1992.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1994.

FREUD, Sigmund. Construções em análise. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 23, p. 275–287.

LACAN, J. (1953). **Escritos**: função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LEMOES, Maria Inês. **A construção do saber no campo da educação e da saúde**. São Paulo: Cortez, 2009.

CAPÍTULO 9

REVISITANDO MINHAS MEMÓRIAS

Marciana Barros Correia de Souza¹⁰

1. INTRODUÇÃO

Elaborar um memorial é resgatar sentimentos profundos, é desembocar num mar de memórias afetivas, passagens felizes ou dolorosas, é remexer o passado, lembrar o porquê das cicatrizes, mas também curar feridas, é escrita terapêutica. Esse processo catártico, às vezes saudosos, por vezes prazeroso ou até penoso, permite-nos evoluir, pois é uma forma de construção do autoconhecimento que traz a consciência do ser que realmente somos, nossas origens, nossa trajetória, compreender processos metamorfoseados ao longo de nossa história e que, ao trazê-los à tona, com maturidade e sensibilidade, podemos ressignificar.

2. DE ONDE VIM

Sou Marciana Barros Correia de Souza, nascida em 24 de fevereiro de 1981, em Viçosa/AL, mãe de Mirian, esposa de Vanderson, filha de Antônio Cerqueira de Barros Correia, conhecido como Antônio Aleixo (1932-2017), e de Marili Moreira de Barros Correia (1954-2023). Quando nasci, meu pai já era reformado da Polícia Militar do Estado de Alagoas, dizia que só tinha estudado o primário. Minha mãe só havia conhecido a vida como agricultora, empregada doméstica e “dona de casa”; vendia catálogos (Hermes/Mappin Postal e outros). Apenas sabia escrever com dificuldades o próprio nome e identificava

¹⁰ Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) no Instituto Federal de Alagoas (IFAL), *campus* Benedito Bentes. Licenciada em Letras (Português/Espanhol) — UFAL. Especialista em Inspeção Escolar — CESMAC. Técnica em assuntos educacionais no Instituto Federal de Alagoas. E-mail: marciana.souza@ifal.edu.br. Orientada pela profa. dra. Regina Maria de Oliveira Brasileiro. Linha de Pesquisa: Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos na Educação Profissional e Tecnológica (EPT).

as letras. Morando na zona rural, quando criança, não foi alfabetizada e nas vezes que tinha possibilidades de frequentar a escola, já adulta, era acometida por problemas de saúde. Sempre me dizia: “Estude para não ser igual a mim”. A mulher que não pôde permanecer na educação formal sabia que a educação era o melhor caminho.

Minha infância foi marcada pelo contato lúdico com a leitura. Divertia-me com os enigmas e os passatempos dos almanaques de farmácia, trazidos por meu pai, e com os gibis de amigas ou que eu e minha irmã, Mariana, comprávamos nas visitas a nosso “Tio Zé”, em Capela/AL, nos fins de semana ou nas férias. Outra lembrança afetuosa são os álbuns de figurinhas que, com o auxílio de minha mãe, completávamos para trocar por prêmios na Venda do Dendê.

Recordo-me de acompanhar minha mãe em suas aulas noturnas de alfabetização e do prazer que sentia ao caminhar até a escola com amigas da família. Nessas memórias incluo uma tarde observando a madrinha de minha irmã lecionar na zona rural. Para mim, o trajeto e a permanência nesses espaços educativos, fosse acompanhando estudantes ou professores, eram sempre passeios divertidos e inspiradores.

A limitação da escolaridade materna antecipou minhas responsabilidades com a escrita. A partir da 4ª série, fui instruída por Célia a preencher os pedidos de vendas, assumindo essa função vital para o que minha mãe fazia. Tornei-me, assim, a leitora e a escriba oficial da família: lia de receitas a bulas e histórias para ela, e atendia aos pedidos de meu pai redigindo cartas ou cartões para parentes distantes e organizando as listas de compras mensais.

Para complementar a renda, meu pai trabalhava como motorista para alguns amigos, proprietários de farmácias de Viçosa, em especial para o escritor Zé Aragão, o que foi fundamental para minha formação como leitora. Eu passava os dias folheando livros didáticos, Bíblia da criança da catequese e os livros de autoria de seu Zé (*Viagem a São Carlos de Bariloche*, *O voo do Condor — poemas e crônicas*, *Pontos de Parada — crônicas*). Somente em 1995 li o primeiro livro que fora recomendado para leitura obrigatória na 7ª série, o romance *Éramos Seis*, de Maria José Dupré.

A entrada no curso de Letras e a vivência como professora foi uma abertura ao mundo das leituras. Hoje, apesar de estar num trabalho técnico, não me afastei totalmente do mundo das letras, pois sempre participo de rodas de biblioterapia no Ateliê Psico-Poético, criado pela escritora viçosense Merandolina Pereira de Melo, onde meu eu poético acorda e também recorda dessas e outras memórias aqui contidas.

2. FORMAÇÃO ACADÊMICA

2.1. Os anos iniciais

Iniciei minha vida escolar em 1984, percorrendo um trajeto marcado pela forte interligação entre o aprendizado e o contexto familiar. A fragilidade da saúde de minha mãe — que enfrentou uma gravidez de risco e, anos depois, vários AVCs — inseriu o medo da perda em minha infância, mas também moldou minha curiosidade. O contato frequente com bulas e remédios me fazia sonhar em ser médica para curá-la, transformando textos técnicos em meu material de leitura cotidiana.

No ambiente escolar, enfrentei desafios que variaram de bloqueios emocionais ao ler em voz alta na pré-escola às instabilidades do sistema público, como greves que exigiram transferências de colégio durante o Ensino Fundamental. Contudo, a determinação prevaleceu no Ensino Médio (1996-1998), período em que conciliei a exaustiva jornada dupla dos cursos pedagógico e Técnico em Contabilidade. Essa etapa encerrou-se vitoriosamente com minha aprovação no vestibular para o curso de Letras na UFAL, redirecionando meu olhar de “curar com remédios” para o cuidado com as palavras.

2.2. A graduação em Letras

Em 1999, ingressei na Universidade Federal de Alagoas (UFAL), no curso de Letras (Português/Espanhol), noturno. Fazia o traslado Viçosa/Maceió – Maceió/Viçosa todos os dias úteis no ônibus dos estudantes.

Encantada pela literatura espanhola, explorei a temática feminina no contexto da Idade Média, com o Trabalho de Conclusão de Curso “Representação da Mulher Medieval na Obra *La Celestina*, de Fernando de Rojas”.

2.3. A especialização em Inspeção Escolar

No ano de 2008, concluí o Curso de Inspeção Escolar, movida pela ânsia de resolver questões voltadas ao meu fazer diário como secretária escolar; no entanto, atuei como inspetora educacional.

3. TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

Iniciei minha vida profissional no ano 2000, ao completar 19 anos, como professora monitora de Artes, na rede estadual de ensino. Logo em seguida fui aprovada em processo seletivo para contrato temporário no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), como agente censitário supervisor, no Censo Demográfico do ano 2000. No mesmo ano fui aprovada no concurso do município de Viçosa para professora das séries iniciais do Ensino Fundamental.

Em 2001, após ter sido aprovada em concurso público da Rede Estadual de Educação de Alagoas, fui convocada como professora de séries iniciais. À época havia carência de docentes em determinados componentes curriculares, e, como estava cursando Letras, fui direcionada para lecionar Língua Portuguesa no Ensino Fundamental de 5ª a 8ª série (antes de 2004 não havia sido implantado o Ensino Fundamental de 9 anos).

No ano de 2003 concluí a graduação em Letras — Português/Espanhol, e em 2006 passei no concurso para secretaria escolar, cargo de nível superior da Rede Estadual de Alagoas, onde permaneci como professora (20h) na Escola Cel. João Leite, no povoado Anel, e como secretária escolar (40h), na Escola Estadual 13 de Outubro, no centro de Viçosa/AL. Trabalhava os três turnos no ambiente escolar, inserida no contexto das relações com a comunidade. Na secretaria escolar, entre diversas demandas, era responsável

pelo Educacenso e alimentava planilhas com informações referentes à frequência escolar para o repasse ao Bolsa Família.

Vivenciando o cotidiano escolar, deparei-me com realidades diversas, inclusive no turno noturno, com estudantes da Educação de Jovens e Adultos, muitos trabalhadores que não tiveram acesso à educação na idade adequada por diversos motivos, entre eles a necessidade de trabalhar, gravidez precoce, ausência de rede de apoio, cuidar dos filhos ou de outras pessoas (pais ou parentes idosos).

Durante o ano de 2007, quando estava cursando a especialização em Inspeção Escolar, fui convocada para dar suporte à Inspeção Educacional da então 4ª Coordenadoria Regional de Ensino (4ª CRE), atual Gerência Regional, localizada em Viçosa, onde, após concluir o curso, fui promovida, na lotação de professora, na assessoria técnica, como inspetora educacional. Esse trabalho foi mais amplo, pois pude experienciar a realidade das escolas (rede pública e privada) de oito municípios.

Em 2010 fui convocada para o Instituto Federal de Alagoas (IFAL), após ter sido aprovada em concurso público para o cargo de técnico em assuntos educacionais, onde atuei no *campus* Penedo como coordenadora do registro acadêmico, gestora-adjunta do Programa Mulheres Mil (participante da Oficina de Formação do Programa Nacional Mulheres Mil, realizada em Brasília — 2011), e como coordenadora-adjunta do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC). Em 2014 fui para o *campus* Viçosa, onde atuei como coordenadora de apoio acadêmico e supervisora local do Programa Mulheres Mil. Em 2016 fui lotada na Reitoria do IFAL, passando pelo Departamento de Educação Básica, Departamento de Graduação e atualmente lotada no Gabinete da Pró-Reitoria de Ensino.

O trabalho como técnica em assuntos educacionais, lotada na Reitoria, não se delimita apenas a trabalhos internos, burocráticos, de interesse de uma pró-reitoria, mas envolve o acompanhamento dos processos de ensino-aprendizagem desenvolvidos nos dezesseis *campi* do IFAL. A participação, como membro, de comissões que impactam diretamente o cotidiano dos estudantes e a vida acadêmica institucional, como a Comissão de Acompanhamento do Calendários Acadêmicos/PROEN/IFAL e a Comissão

de Projetos de Ensino//PROEN/IFAL, é exemplo da importância da articulação do cargo com o interesse num Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, pois o técnico em assuntos educacionais tem como atribuições coordenar as atividades de ensino, planejamento, orientação, supervisionando e avaliando essas atividades, para assegurar a regularidade do desenvolvimento do processo educativo, além de assessorar nas atividades de ensino, pesquisa e extensão.

4. O INGRESSO NO MESTRADO

Em 2024, decidi aprofundar-me nos estudos para enfrentar mais uma seleção do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal de Alagoas (IFAL). Comecei a ler a bibliografia e iniciei o curso de preparação virtual “Bora Aprender”, com o prof. Paulo César, organizei-me e dediquei todo tempo livre aos estudos.

Em 2025 fui aprovada, na modalidade servidores, para a linha de pesquisa 2. Após anos desafiadores, essa aprovação é simbólica, pois sempre foi meu intuito estudar mais sobre a Educação Profissional e Tecnológica. Fazer parte de uma instituição, estudar e conhecer seu âmago é essencial para melhor contribuir com sua missão. A frase atribuída a Santo Agostinho, “Só se ama aquilo que se conhece”, reflete bem essa trajetória. E não poderia deixar de citar Paulo Freire: “A educação é um ato de amor, por isso um ato de coragem”. Pode até soar estridente o romantismo dessa reflexão, mas adentrar num mestrado movida pela coragem na busca de uma educação mais humana e libertadora é firmar-se numa realidade, não num sonho, pois o que se materializa é fruto de nossa consciência, como seres capazes de transformações, inclusive de realidades.

5. CONCLUSÃO

Diante de minhas vivências e contextos das memórias aqui expostas, relembro em minha linha do tempo que tenho 25 anos de dedicação ao serviço público, 15 deles no Instituto Federal de Alagoas, numa trajetória marcada por

redescobertas, reconstruções, superações e aprendizados profundos.

Considero que, como técnica em assuntos educacionais, tenho o compromisso de assegurar a regularidade do desenvolvimento do processo educativo na Educação Profissional e Tecnológica (EPT) e que a linha de pesquisa “Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos na EPT” do PROFEPT aproxima-se do meu interesse em analisar como a organização dos ambientes de aprendizagem intervém na formação integral dos estudantes.

Ademais, desejo conhecer melhor a evolução histórica desses espaços, compreendendo como as memórias e as experiências pregressas delinearão o perfil atual da EPT. Acredito que a formação no PROFEPT ampliará minha capacidade de contribuição nas realidades sociais e culturais dos estudantes, cooperando na evolução destes numa perspectiva de formação humana.

6. REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. [s. l.] Editora Paz e Terra, 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2019.

CAPÍTULO 10

CAMINHOS DE UMA VIDA: ENTRE MEMÓRIAS, DESAFIOS E SUPERAÇÕES

Maria Karine Gomes de Oliveira¹¹

1. INTRODUÇÃO

Este memorial tem como objetivo apresentar minha trajetória pessoal, acadêmica e profissional, destacando as experiências mais significativas que contribuíram para minha formação e desenvolvimento. Ao longo deste documento, relato os principais aprendizados, desafios superados e conquistas alcançadas, buscando refletir sobre os caminhos percorridos e os valores que orientaram minhas escolhas.

2. QUEM SOU EU?

Meu nome é Maria Karine Gomes de Oliveira, alagoana, natural de Maceió. Nasci em 25 de dezembro de 1986, em pleno Natal. Sou filha de Amaro e Eliane. Meus pais se casaram e tiveram dois filhos. Sou a filha mais velha, tenho um irmão dois anos mais novo que eu, nascido em 23 de dezembro de 1988. Sou mãe da Ísis, de 2 anos, uma garotinha esperta que alegria os meus dias.

Meu pai é do interior de Alagoas, natural de Colônia Leopoldina, trabalhava como comerciante, dono de um mercadinho, o qual era o meio de sustento da família à época. Minha mãe é alagoana, natural de Maceió, dona de casa, a qual se empenhou ao máximo para cuidar e incentivar os estudos

¹¹ Mestranda no Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) do Instituto Federal de Alagoas (IFAL), Campus Benedito Bentes. A autora deste capítulo desenvolve trabalho na linha de pesquisa 1 — Práticas Educativas em EPT, sob orientação do professor permanente do PROFEPT Dr. Adalberon Moreira de Lima Filho. E-mail: karine.oliveira@ifal.edu.br.

dos seus filhos. A frase que ela sempre me falava era: “Que o futuro do pobre é através dos estudos”, e isso ficou marcado e ressoa até hoje dentro de mim, e é por essa razão que sempre estou em busca dos meus sonhos.

3. OS ANOS INICIAIS

Iniciei os estudos numa escolinha do meu bairro, próximo à minha casa, chamada Gente Crescendo. Me alfabetizei, fiz meu ABC, sendo a oradora da turma. Particpei de diversas festas temáticas; as que me trazem maiores recordações são as festas juninas. Na escola também tinha desfiles de rua, como acontecia antigamente. Foram momentos alegres e com boas memórias do tempo de infância.

No Ensino Fundamental, estudei numa escola particular de freiras, no Nossa Senhora do Amparo, uma transição que impactou a minha rotina diária, porque tive que me adaptar a novos desafios. Sair da fase da infância para a pré-adolescência não foi uma tarefa fácil; aprender a ter autonomia e independência parecia assustador, mas sobrevivi a esse período.

Ao final do Ensino Fundamental, almejava passar no CEFET, mas não consegui passar na prova de seleção. Então cursei o Ensino Médio em um colégio particular, o Rosalvo Ribeiro dos Santos, nos anos 2000. O novo colégio ficava no mesmo bairro em que eu morava. Fui uma estudante dedicada e cumpria com minhas responsabilidades acadêmicas. Encontrei grandes amigos, desenvolvi hábitos de leitura e comecei a ter afinidade pela área da Enfermagem.

No Ensino Médio havia uma pressão sobre qual área deveria cursar, o “mercado de trabalho” te espera e na maioria das vezes o caminho é incerto. Procurei me espelhar nos meus tios, que eram da área da Saúde, e assim decidi trilhar por esse mesmo caminho. Então tentei o PSS (Processo Seletivo Seriado), porém não obtive pontuação para cursar Enfermagem. Depois de um tempo, resolvi iniciar um curso técnico na área da Enfermagem.

4. ATUAÇÃO ACADÊMICA

4.1 Do curso técnico à graduação

Iniciei o Curso Técnico em Enfermagem aos meus 17 anos, na Escola Santa Juliana, localizada no centro de Maceió, no ano de 2004. Optei por fazer o curso técnico para avaliar se era o rumo certo a seguir. Após finalizar o curso e avaliar que realmente era aquilo que eu queria, resolvi tentar a graduação na área da Enfermagem.

No ano de 2008, ingressei na Faculdade Integrada Tiradentes (FITS), no curso de Enfermagem. Nesse meio-tempo, trabalhava pela manhã para ajudar no financiamento dos meus estudos; o curso acontecia de forma integral (tarde e noite). Foram momentos de muita correria, mas que me deixaram grandes ensinamentos. Durante a faculdade, participei de um projeto de extensão em parceria com a UFAL, entre 2010 e 2011, intitulado “VIDAS”, recordo-me de ir todos os sábados ao projeto para desenvolver as ações em saúde relacionadas a cuidados com diabéticos e hipertensos na comunidade do Eustáquio Gomes.

No decorrer do curso, submeti trabalhos acadêmicos para apresentação no II Congresso IMIP de Saúde Integral, em Recife/PE, no ano de 2010, com as temáticas sobre saúde da criança e saúde da mulher. Também participei da comissão organizadora de simpósios e seminários, eventos internos da faculdade. Essas vivências ampliaram minha visão crítica e colaboraram com minha formação contínua.

No campo dos estágios obrigatórios, na área hospitalar, atuei na Santa Casa de Misericórdia de Maceió e no Hospital Geral do Estado (HGE); na de Saúde Pública, no posto de saúde João Paulo II, uma oportunidade na qual pude aplicar a teoria à prática e desenvolver competências e habilidades específicas para o meu desempenho profissional.

5. ESPECIALIZAÇÃO EM ENFERMAGEM DO TRABALHO

No ano de 2013, comecei minha pós-graduação *lato sensu* na área de Enfermagem do Trabalho, na IBPEX (Instituto Brasileiro de Pós-Graduação e

Extensão). Nesse período, ainda não exercia minha profissão e vi uma oportunidade de ampliar meus conhecimentos e melhorar o currículo, e assim garantir mais oportunidades. A partir desse momento, obtive um olhar mais focado para os concursos. Conheci amigas no curso que compartilharam comigo essa angústia e, juntas, prestamos concursos por este Brasil afora. Hoje, todas estamos em empregos públicos federais e na nossa “terrinha”, perto da família. Foi um caminho longo, cheio de obstáculos, fruto de dedicação, abdicção e resiliência, mas com um resultado que mudou o rumo da vida de todas nós.

6. TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

6.1 O ingresso no serviço público

Aos 17 anos, meu primeiro emprego foi como *office-girl* no Instituto de Assistência à Saúde dos Servidores do Estado de Alagoas (IPASEAL SAÚDE). Fiz um curso de informática básico e logo depois fui contratada nesse mesmo local por uma empresa terceirizada, onde fiquei até completar os 26 anos de idade. Após a minha formação em Enfermagem, dediquei meu tempo a estudar para concursos públicos na minha área, pois sempre pensava na minha estabilidade financeira.

Em 2013, ingressei no serviço público, aprovada no concurso da Prefeitura de Maceió, com o cargo de Técnico em Enfermagem, onde tive a oportunidade de atuar entre 2013 e 2018. Trabalhava em uma unidade básica de saúde chamada Waldomiro Alencar, no Jacintinho, desempenhava atividades em sala de vacina e na saúde pública de uma forma geral, com ênfase na promoção à saúde. Passados dois anos, obtive aprovação no concurso da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL), com o cargo de técnica em Enfermagem, desenvolvendo habilidades práticas na área de UTI Neonatal entre 2015 e 2017. Uma experiência que marcou minha trajetória profissional pelo grau de complexidade e exigência técnica do setor.

Durante essa fase de dupla jornada de trabalho, empreguei meu tempo nos estudos e participei de vários concursos em vários estados a fim de

ampliar minhas possibilidades e ser aprovada no cargo de enfermeira, na minha área de formação. Estava sempre em busca de um sonho, e esse foi o motivo da minha persistência pela aprovação.

6.2. O ingresso no IFAL e a conquista de um sonho

Depois de um caminho árduo de estudos, consegui aprovação no IFAL, no cargo de enfermeira, *campus* Murici. Essa conquista representou a realização de um sonho para mim, construído com muito esforço, dedicação e resiliência. Tomei posse em 2018; minha família estava presente, um momento único e emocionante para todos nós. Nunca esquecerei do olhar dos meus pais cheios de orgulho da filha.

Entrei em exercício no IFAL, *campus* Murici, em janeiro de 2018. Atuei na assistência estudantil, onde pude ter experiências práticas no campo da enfermagem escolar, com ênfase na educação em saúde. Aprendi na vivência da escola a ter uma sensibilidade e um olhar humanizado para o cuidado, pois as desigualdades socioeconômicas, culturais e ambientais existem de uma maneira a fragilizar a saúde mental e física dos estudantes.

No desempenho das minhas atividades, sempre procurei ser bastante ativa e me envolver com trabalhos que promovessem a saúde e a qualidade de vida dos estudantes. Diante disso, participei de um grupo de trabalho de práticas em educação em saúde, formado pela equipe da assistência estudantil, com foco em ações interdisciplinares voltadas à promoção da saúde no ambiente escolar. Aceitei o convite para realizar ações educativas nos projetos de extensão sobre *bullying* e *cyberbullying* na escola, no PROIFAL, um cursinho pré-vestibular na área de matemática e na comunidade rural Mulheres Camponesas, realizando terapias integrativas.

Estive presente como membro do NAPNE (Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas). No núcleo recebemos uma estudante surda e foram grandes os desafios para adaptá-la à sala de aula, por essa razão me inscrevi em um curso de libras oferecido pelo NAPNE, o qual me ajudou bastante na comunicação e em outras habilidades. Participei do III CINTEDI (Congresso Internacional de Educação Inclusiva), realizado em

Campina Grande, no ano de 2018, tive a oportunidade de acompanhar palestras, mesas-redondas e discussões sobre temas relevantes na área de inclusão.

Em 2019, atuei como coordenadora de apoio acadêmico, sendo responsável por organizar, acompanhar atividades voltadas ao suporte pedagógico dos estudantes, como grupos de estudos, oficinas temáticas e atendimentos individualizados. Ter assumido esse papel na coordenação me possibilitou adquirir habilidades pessoais, como espírito de liderança, escuta ativa, proatividade na resolução de problemas e a experiência em fazer parte da gestão do *campus*. Sem sombra de dúvidas, um divisor de águas para minha qualificação pessoal e profissional.

Em 2020, fui removida para Reitoria, com atuação no Subsistema Integrado de Atenção à Saúde do Servidor (SIASS), e permaneço até os dias atuais. Desempenho funções relacionadas à saúde do(a) servidor(a), na área de Enfermagem do Trabalho. Sou integrante do Serviço Especializado em Segurança e Medicina do Trabalho (SESMT); minha principal atividade no SIASS é a promoção e a preservação da saúde dos(as) servidores(as). Para atingir essa finalidade, minha atividade se baseia em diversas frentes, com foco na saúde mental e na prevenção a agravos e riscos à saúde dos(as) servidores(as), por meio da elaboração de programas de saúde voltados à Promoção e Qualidade de Vida no Trabalho (PSQVT).

7. INGRESSO NO MESTRADO PROFEPT

7.1 Um novo desafio

Ao ingressar no IFAL em 2018, tomei conhecimento do mestrado PROFEPT. Quando resolvi estudar para o mestrado, ler os textos da seleção, chegou à pandemia, em 2020. E, com as mudanças que vieram dessa fase aterrorizante, o formato da prova foi alterado para análise de currículo. Decidi tentar, mas não fui aprovada nessa seleção. Em outro momento, tentei novamente, mas também não consegui. Cheguei a tentar outros mestrados, mas só passava perto, era o famoso “quase”. Dei um tempo. Nesse intervalo engravidei, e minhas prioridades mudaram.

Contudo, esse sonho continuava latente dentro de mim e não quis abandoná-lo. O formato da seleção do PROFEPT, nesse meio-tempo, tinha mudado para prova objetiva. Percebi que tinha mais chances, vi uma grande oportunidade e agarrei. Em 2024, comecei a ler as obras com antecipação, me apropriando da linguagem, com dedicação e priorizando esse objetivo.

Hoje mestrandando do PROFEPT, entendo que tudo é possível e tem a hora certa de acontecer. Sei que o caminho é longo e cheio de desafios, mas nada veio fácil para mim, e essa é mais uma etapa da minha vida que pretendo superar e chegar ao objetivo final: a conclusão do mestrado, o sonhado diploma nas mãos e uma mudança de perspectivas através da minha pesquisa.

Com a linha de pesquisa 1 — Práticas Educativas, Macroprojeto 1, a proposta de pesquisa que planejo investigar é em que medida uma sequência didática elaborada a partir da base teórico-conceitual da formação humana integral e do trabalho como princípio educativo sobre o conteúdo autocuidado pode contribuir para a formação dos estudantes dos cursos técnicos integrados ao Ensino Médio. Assim, reforço a importância de uma prática humanizada, crítica e atenta às vulnerabilidades.

O produto educacional (PE) que pretendo construir é uma sequência didática sobre o conteúdo autocuidado e um artefato como material educativo, uma ferramenta para promover a materialização, a divulgação, a conscientização, a prevenção e o cuidado com a saúde dos estudantes, sendo um instrumento de promoção da saúde, com acesso à informação de forma clara e acessível.

8. CONCLUSÃO

A construção deste memorial representou uma oportunidade valiosa de revisitar minha trajetória de formação, reconhecendo os desafios superados, as conquistas alcançadas e os aprendizados adquiridos ao longo do percurso. Cada momento vivido, tanto nas dimensões teóricas quanto nas práticas, contribuiu para a consolidação de minha identidade acadêmica e profissional.

Refletir sobre essa caminhada permitiu fortalecer meu compromisso com a educação, a ética e a responsabilidade social. Sigo, portanto, consciente de contribuir com um produto educacional que traga mudanças significativas no processo de ensino-aprendizagem dos estudantes.

9. REFERÊNCIAS

SANTOS, Gildenir Carolino. **Percurso científico**: guia prático para elaboração da normalização científica e orientação metodológica. 2012.

Disponível em:

<https://econtents.bc.unicamp.br/omp/index.php/ebooks/catalog/download/1/1/4?inline=1>. Acesso em: 17 abr. 2023.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. 2013. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5562413/mod_resource/content/1/Metodologia-Do-Trabalho-Cientifico-23%C2%AA-Edicao-SeverinoEBOOK-Escolhido.pdf. Acesso em: 17 abr. 2023.

CAPÍTULO 11

CAMINHOS DA VIDA

Maria Virginia Gomes da Silva¹²

1 INTRODUÇÃO

Produzir este memorial foi como fechar os olhos e entrar numa máquina do tempo que me transportou para as mais antigas memórias da minha história. Pude revisitar os locais onde estudei, a minha trajetória de trabalho e obviamente resgatar os traços de afetividade que serviram de enredo para minhas escolhas.

Nas páginas seguintes, busquei percorrer os caminhos da menina nascida em União dos Palmares, na Zona da Mata alagoana, filha da Maria de Fátima e do José Lindberg, irmã do Victor, do Arthur e da Flávia Regina e mãe do João Victor e do Heytor. São relatos da mais tenra idade até o cenário atual, constituindo assim o trajeto da minha vida.

2. FORMAÇÃO ACADÊMICA

2.1. A formação escolar: do Educandário Menino Jesus ao CEFET/AL

Início minha vida de estudante muito cedo, ainda na cidade de União dos Palmares, com apenas um ano e oito meses, algo comum para uma filha de uma mulher no início da década de 1990, quando procurar uma “escolinha” para deixar a filha, ainda bebê, era a única alternativa para continuar trabalhando e garantir a segurança da criança. Fui muito bem recebida ao chegar ao Educandário Menino Jesus pelas mãos acolhedoras da professora e dona da escola, com quem mantenho contato até hoje.

¹² Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) pelo IFAL. Licenciada em Pedagogia, especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional, Gestão Escolar, Educação Especial e Inclusiva. E-mail: virginia.gomes@ifal.edu.br.

Aos quatro anos de idade já sabia ler e escrever, sendo inclusive a oradora da turma na memorável Formatura do ABC. Relaciono a minha alfabetização precoce ao meu comportamento curioso e ao incentivo da minha família, que sempre me presenteou com livros e gibis. Sempre pedia de presente de aniversário, Natal, Dia das Crianças, e com isso construí uma vasta coleção.

Aos cinco anos de idade, ingresso no Colégio Cenecista Santa Maria Madalena, local onde minha mãe e meus tios também foram estudantes. Naqueles longos corredores entrei uma menininha e saí uma adolescente aos 13 anos de idade. Estudar no “Santa” era uma tradição familiar, então os recreios eram regados de encontros com todos os primos e primas. As atividades escolares eram complementadas pelas aulas de dança e pintura, realizadas às tardes, pois sempre foi uma preocupação da minha mãe que eu tivesse uma formação em variados aspectos, e pude ter o privilégio de realizá-las.

Aos treze anos, então estudando a oitava série, comecei a me preparar para o processo seletivo do CEFET, que ficava na capital Maceió. Meus familiares sempre foram incentivadores para que eu cursasse o Ensino Médio lá, inclusive meu irmão mais velho já era concluinte do terceiro ano. Dediquei-me aos estudos para a seleção e consegui aprovação na prova. Todavia, naquele ano, houve uma demora para o começo do ano letivo, fazendo com que minha mãe optasse por me matricular em outra escola enquanto eu aguardava o início das aulas. Estudei, então, por um curto período, no Educandário Olímpia Augusta dos Santos, onde anos mais tarde voltaria como professora. Ao entrar no CEFET, senti-me contente, pois, quando era criança, toda vez que passava por lá, sempre colocava as mãozinhas nas grades (que eram azuis) e falava que aquela escola era enorme, parecia um trem, e que um dia estudaria lá. Assim o fiz.

Fui estudante do CEFET na fase de transição para o IFAL. Foi um período de vivências muito importantes, de crescimento pessoal e intelectual. Tive a oportunidade de ter como professores grandes mestres do saber, fundamentais e inesquecíveis. Registro aqui o meu profundo carinho por todos e todas.

No segundo ano do Ensino Médio, fui surpreendida com uma gravidez em plena adolescência, algo que me trouxe insegurança e medo. Entretanto, com muito esforço pessoal e apoio familiar, não precisei mudar meus planos em relação aos estudos, mas precisava me adaptar àquela nova realidade, agora de uma jovem mãe estudante. A rotina era difícil, compareci às aulas até um dia antes de dar à luz ao meu filho e, com apenas vinte e dois de pausa, retornei às atividades. Finalizei o meu Ensino Médio com a turma que ingressei, juntamente aos meus estimados/as colegas que tanto me acolheram na fase mais angustiante da minha vida. Dessa fase trago comigo até hoje os conselhos e os incentivos que ouvi de alguns docentes. Essas palavras proferidas me serviram de alento. Serei eternamente grata.

2.2 A chegada à UFAL e o encontro com a Pedagogia

Em fevereiro do ano de 2008 eu ingressei na Universidade Federal de Alagoas, aos 17 anos, no curso de Pedagogia Licenciatura. Estar na universidade era a realização de um grande sonho. Lembro de chegar acompanhada da minha mãe para a realização da matrícula, pois ainda era menor de idade, e ela me questionar se realmente era o que eu queria cursar, pois o Campus A. C. Simões estava passando por situações de constante violência. Insisti e formalizamos minha matrícula naquele curso, que seria a minha grande paixão.

Desde criança sempre brincava de professora com minhas bonecas, gostava de tirar dúvidas dos meus amigos da escola, fui monitora no Ensino Médio e sempre quis trabalhar na área educacional. Confesso que flertei com o jornalismo por uns anos, porque sempre fui muito comunicativa e desenvolta no ato de falar em público. Além de gostar de escrever e ser fã dos jornais, nas suas versões impressa e televisiva, hábito herdado do meu saudoso avô materno, José Gomes, que lia todas as manhãs a Gazeta de Alagoas acompanhado de sua xícara fumegante de café. Contudo, a opção de cursar Jornalismo não foi aceita pela minha família, e decidi mudar, optando pela Pedagogia.

Foi uma sábia escolha. Logo nas primeiras aulas, saía extasiada e confirmava a certeza de que estava no caminho certo. A UFAL foi um período de grandes mudanças, tanto pessoais quanto profissionais. A rotina era corrida, pois trabalhava durante o dia e estudava à noite, além da minha função materna. Infelizmente essa situação fez com que eu não vivenciasse tudo que a academia tinha para me ofertar. Fui uma graduanda aplicada, com excelentes notas, mas não tinha tempo para participar de grupos de pesquisa e seleções para monitorias. No terceiro período do curso, eu já estava trabalhando como servidora efetiva da Secretaria Municipal de Educação de Maceió. Para mim, não era uma opção financeiramente viável a dedicação exclusiva aos estudos.

Ao mesmo tempo que me sentia triste por não poder aproveitar a UFAL com todas as suas oportunidades, também me sentia realizada em poder vivenciar no meu trabalho a prática de tudo que aprendia na teoria. Os anos se passaram, e no início de 2013 recebi em minhas mãos o meu sonhado diploma de pedagoga, um dos momentos mais emocionantes da minha vida.

2.3 O PERCURSO DAS ESPECIALIZAÇÕES

No ano seguinte iniciei o curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Psicopedagogia Clínica e Institucional no CESMAC. Por um período de dezoito meses adentrei em um campo de atuação que mudou a minha maneira de pensar a educação. Passei por experiências incríveis de estágios em vários segmentos da Educação Especial na perspectiva inclusiva. A opção por essa área foi baseada em experiências vividas por mim, principalmente em minha infância, por ter nascido com uma condição que me fez ter uma redução auditiva até os 4 anos de idade, quando recuperei a audição plena em um procedimento cirúrgico. Mesmo muito pequena, tenho recordações de como era difícil não escutar como as outras pessoas, usar aparelho auditivo, fazer sessões de fonoterapia.

No ano de 2016 iniciei minha segunda especialização, agora em Gestão Escolar, pela Faculdade Alternativa de Arapiraca, em formato EaD. No ano de 2024 concluí minha terceira especialização, agora em Educação Especial e Inclusiva, como formação complementar devido à natureza do

núcleo que estou coordenando dentro do IFAL, *campus* Piranhas, o NAPNE (Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas).

3 TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

3.1 O caminho até a profissão docente

Como já havia citado anteriormente, no início do terceiro período da graduação, fui nomeada auxiliar de sala e trabalhei por alguns anos nessa função até a conclusão da graduação, quando comecei a lecionar como professora do quadro efetivo da Prefeitura de Maceió e como professora monitora da rede estadual. Por doze anos fui docente em várias instituições de ensino, públicas e privadas. Nesses espaços, obtive a grande oportunidade de conhecer e partilhar a vida diária com profissionais competentes e inspiradores.

Paralelamente a essa função, também desempenhei por alguns anos a carreira de agente de base territorial no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Durante um intervalo, dividi-me entre a cartografia/georreferenciamento e a carreira docente, mas a Pedagogia venceu essa disputa. Em 2016 fui aprovada novamente no concurso da SEMED/MACEIÓ e dobrei minha carga horária com duas matrículas de docente. Eram jornadas cansativas de 40, 60 horas semanais, porém a minha afinidade com a área por mim escolhida nunca me fez desistir.

Simultaneamente a essa fase, coordenei por nove anos, no meu município natal, a coordenação local de aplicação do ENEM, uma experiência em que pude coordenar grandes equipes e lidar com situações de resolução de problemas que exigiram de mim muito equilíbrio e destreza.

Mas diante da rotina exaustiva de trabalho, decidi que concorreria a um concurso onde pudesse ter uma carga horária melhor, seguida de melhores condições de trabalho. Decidi, então, candidatar-me ao concurso do IFAL e fui aprovada. Da aprovação à nomeação, foram três longos anos de espera. Quando recebi o e-mail, meu coração quase não resistiu à emoção do momento. Fui empossada e mudei, com a minha família, para o Sertão alagoano, assumindo o cargo de pedagoga do IFAL, *campus* Piranhas.

3.2 A chegada ao IFAL e os ares sertanejos

Em janeiro de 2020 chego ao *campus* Piranhas, e em menos de dois meses foi declarada a pandemia de covid-19. Nesse período nasce meu segundo filho. Retorno ao trabalho presencial em setembro de 2021. Após cinco meses, recebo o convite para assumir a coordenação do Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Específicas (NAPNE) e permaneço nessa função até o presente momento.

Como coordenadora do NAPNE assumi um grande desafio, que era reestruturar o núcleo após um período de pandemia e iniciar, de fato, a implantação do Plano de Ensino Individualizado de acordo com as resoluções orientadoras do IFAL. É justamente sobre esses processos formativos, advindos da proposta do NAPNE, que pretendo realizar minha pesquisa e desenvolver o produto educacional que será concebido durante esse programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT).

4. O SONHADO INGRESSO NO MESTRADO PROFEPT

Assim que me tornei pedagoga do IFAL, estavam abertas as inscrições do Mestrado PROFEPT. prontamente realizei minha inscrição, porém com a pandemia a seleção não foi realizada naquele ano. Tentei novamente em 2022, e mais uma vez não fui aprovada. Nessa última edição estudei com mais atenção e obtive o resultado que sempre almejei. Trago comigo alguns receios e expectativas em relação a esse mestrado; entretanto, pretendo dedicar-me, superando os obstáculos, elaborando um produto educacional e logrando êxito na obtenção do meu título de mestra.

5. CONCLUSÃO

Elaborar este memorial demonstra a minha jornada e compromisso com a educação ao longo das minhas vivências profissionais. Passei por várias instituições de ensino, atuando em variadas funções: auxiliar de sala, professora de Educação Infantil, de Ensino Fundamental, de EJA, do curso

Normal (tive a oportunidade de ser professora em umas das últimas turmas da modalidade no estado de Alagoas) e coordenadora pedagógica.

A cada parada que fiz, revisitando esses caminhos, pude perceber o quanto exercer minha profissão em múltiplos espaços pode contribuir na formação de uma pedagoga empática e flexível às situações do cotidiano, pois as divergências de opiniões, as colaborações dos colegas, a troca realizada com cada estudante que tive e o acolhimento de cada familiar foram vitais para constituir a pessoa que sou hoje. Quanto aos futuros caminhos, penso eu que pretendo criar um produto educacional voltado à área da Educação Especial na perspectiva inclusiva que seja um suporte aos docentes no trabalho com os/as estudantes com deficiência.

6. REFERÊNCIAS

SANTOS, Gildenir Carolino. **Percurso científico**: guia prático para elaboração da normalização científica e orientação metodológica. 2012.

Disponível em:

<https://econtents.sbu.unicamp.br/omp/index.php/ebooks/catalog/book/1>

Acesso em: 12 maio 2025.

CAPÍTULO 12

MINHA TRAJETÓRIA DE VIDA

Patrícia Araújo de Albuquerque¹

1. INTRODUÇÃO

Elaborar um memorial é voltar o olhar para o passado e reconhecer os caminhos que moldaram quem somos. Nasci em 30 de junho de 1985, no Sítio Lagoa do Curral, no município de Igaci, Alagoas, em uma casa de taipa. Meu parto foi realizado por uma parteira, tia Dé, na casa da minha avó materna, Deda (Dersuita), que também foi quem me criou. Tenho três irmãos: Celso e Valdisvan, mais velhos, e Washington, o mais novo. Celso e eu vivemos juntos na infância, até ele ir morar com uma família, trabalhando em troca de comida — reflexo da dura realidade da época. Valdisvan foi doado a outra família, e Washington foi o único criado por minha mãe.

Minha mãe teve dois filhos com seu primeiro namorado, que a abandonou por pressão familiar e falta de caráter. Eu nasci de um relacionamento com meu pai biológico, o qual a família dele também não aprovava, tendo-o enviado para São Paulo. Minha mãe tentou interromper a gravidez, mas não conseguiu. Depois casou-se com outro homem, pai do meu irmão mais novo, mas viveu um relacionamento abusivo.

Meu pai chegou a retornar a Alagoas para me buscar, mas minha mãe já era casada, e eu morava com minha avó Deda. Foi ela quem me criou, me educou e me deu os valores mais importantes da vida, mesmo sendo analfabeta. Enquanto outros me desencorajaram, ela me apoiava. Trabalhava na roça e em casas de farinha para nos sustentar. Já havia sido abandonada pelo marido e, dos dez filhos, restava apenas eu com ela. Um AVC a deixou acamada, o que nos levou a dias difíceis. Precisei criar forças que nem sabia que eu tinha para continuar, cuidei dela por um tempo; depois minhas tias e mãe, filhas dela, passaram a cuidar também.

Ela era hipertensa e fumante, e mesmo com a dor da culpa por uma

discussão que tivemos antes do AVC, compreendi com o tempo que não havia sido responsável por sua enfermidade, tem coisas que não controlamos. Para mim, ela sempre foi referência de mãe e pai. Com o avanço das complicações de saúde, chegou a amputar uma perna, mas não resistiu. Sua morte foi o maior desafio que enfrentei. Até hoje me pergunto se a decisão pela cirurgia foi certa.

O reconhecimento de minha paternidade nunca aconteceu oficialmente. Meu pai foi assassinado, e a pensão ficou com os avós paternos, que nunca me acolheram. Já adulta, busquei o direito de ter o nome dele no meu registro, mas foi negado. Tentei ajuda financeira da família paterna durante a faculdade, também sem sucesso. Apesar disso, escolhi perdoar para seguir mais leve. Ainda sinto que falta uma parte de mim: o nome do pai no registro, como um elo ausente da minha história.

Após sair de casa, morei com minha tia em Maceió e, após cinco anos de namoro, casei com meu esposo Bruno, em 2010. Hoje somos pais de dois filhos: João Vinícius (nascido em 2013) e Pedro Bernardo (nascido em 2019). Cada nome carrega homenagens à nossa ancestralidade. Eles são minha motivação diária para continuar lutando por meus sonhos e também pelos deles. Sou católica, hoje estou na Coordenação dos Ministérios para as Famílias da Renovação Carismática Católica (RCC) da Paróquia de Piranhas. Essa força que tenho vem da fé que tenho em Deus e em Nossa Senhora.

2. FORMAÇÃO ACADÊMICA

2.1. Os anos iniciais

Minha formação nos anos iniciais começou na Escola Municipal da Dona Judite, no município de Igaci, no Sítio Lagoa Comprida. Era uma sala única, com um banheiro e uma pequena cantina. A escola ficava próximo ao sítio onde eu morava, e eu percorria a pé, diariamente, os 2,5 quilômetros até lá.

Posteriormente, estudei no Sítio Serra Verde, provavelmente na segunda ou na terceira série do Ensino Fundamental. Quando não havia mais turmas disponíveis, fui transferida para o Povoado Lagoa do Capim, na Escola

São Vicente de Paula, onde cursei até a 5ª série. Todo esse percurso também era feito a pé, debaixo de sol e chuva. Hoje a realidade é outra, passa carro na porta de casa pegando os alunos da cidade e da zona rural.

Cursei o 6º ano em Igaci, no período noturno, e o deslocamento era feito de caminhonete. Da 7ª série ao 3º ano do Ensino Médio, estudei na Escola Estadual Egídio Barbosa, na Lagoa do Caldeirão, município de Palmeira dos Índios, também utilizando caminhonete para o transporte. Toda minha trajetória escolar — anos iniciais, Ensino Fundamental, Médio e Graduação — foi em instituições públicas. Inclusive o meu estágio da faculdade eu fiz na Escola Estadual Egídio Barbosa, onde eu terminei o Ensino Médio.

2.2. A graduação de 2004-2012

Em 2003, ainda no Ensino Médio, prestei vestibular para o curso de Geografia e, em 2004, ingressei na Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), Campus III, em Palmeira dos Índios. Essa foi, até então, a maior conquista da minha vida, algo que parecia inalcançável.

Saí diretamente do Ensino Médio para a universidade. O novo desafio era me manter no curso. Eu era a única do meu sítio a ingressar na graduação. No primeiro ano, caminhava diariamente até o Povoado Lagoa do Capim, a cerca de três quilômetros, para pegar a condução até a universidade. No segundo ano, um colega passou para o curso de Matemática na UNEAL, e passamos a ir de moto até o povoado, de onde seguíamos de caminhonete. O trajeto era longo e deserto, e eu caminhava por lugares sem casas, apenas vegetação.

Mesmo sem condições financeiras, com o apoio da minha avó Deda, segui firme. Muitas vezes passávamos necessidade. Pensei desistir, mas sabia que a educação era o único caminho para mudar a minha realidade. Fui a primeira da minha família, tanto por parte de mãe quanto de pai, a concluir o Ensino Superior.

Recordo que houve um período de greve durante o curso, embora não lembro-me o ano. Concluí a graduação em Geografia e coleí grau em 15 de fevereiro de 2012, com enorme gratidão. O Trabalho de Conclusão de Curso

(TCC) havia ficado pendente. Na época, eu morava em Maceió e trabalhava no comércio. Durante as férias, determinei-me a finalizá-lo. O projeto teve como tema: “Atividade de Sobrevivência da Pesca no Açude Coruripe — Igaci/AL”.

Lembro-me de virar noites escrevendo, enquanto meu marido acordava para trabalhar. Minha orientadora, professora Rosa, corrigia e devolvia o material, e cheguei a dormir uma noite em sua casa para concluir o trabalho. Com muito esforço e sua colaboração, finalizei o curso em 2012.

2.3. A especialização em 2020

Em 2019, conciliando o trabalho como professora de Geografia nas escolas Cláudio Daniel e Padre Cabral com o curso de Direito na UFAL, matriculei-me em uma pós-graduação pela FAVENI. Conciliar trabalho e estudo foi desafiador, mas, em 13 de março de 2020, recebi o título de pós-graduada em Geografia Regional Brasileira.

3. TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

3.1. A jornada docente 2015-2019

Em 2015 fui aprovada em uma seletiva do Estado para atuar como monitora de Geografia. Foi minha primeira experiência em sala de aula — desafiadora e repleta de aprendizados. Meus alunos colaboravam comigo, sugerindo métodos e me encorajando. Tenho orgulho em saber que dois deles já se formaram: um em Pedagogia e outro em História pela UFAL.

Após a monitoria, voltei ao comércio, trabalhando no (Central de Relacionamento com o Aluno) CRA de uma faculdade particular, ajudando meu marido nas despesas e cuidando do nosso filho, João Vinícius. Paralelamente, estudava para concursos. Fiz cursos presenciais no Alagoas Cursos e Adail Cursos, mas o cansaço era tanto que, às vezes, dormia durante as aulas. Passei a estudar *online* e comecei a ter melhor rendimento. Fiz todos os concursos que apareciam, acreditando que um dia daria certo.

Ainda trabalhando na faculdade, participei de nova seleção para monitoria estadual e fui chamada novamente em 2018, desta vez para lecionar no Colégio Padre Cabral, em Fernão Velho. Na mesma época, prestei vestibular para Direito, curso que sempre me encantou. Fui aprovada e comecei a cursar. Simultaneamente, fui convocada para assumir uma vaga em concurso no município de Coruripe, realizado em 2016. Fui nomeada professora de Geografia dos 6º e 7º anos.

Acordava às 4 horas da manhã para ir a Coruripe. Pegava ônibus até a Casa Vieira do Farol e seguia de carona com um colega. Chegávamos à escola por volta das 6h30. Lecionava 20 horas na Escola Cláudio Daniel. Apesar da carga horária, o diretor exigia presença diária, o que resultava em grande gasto com passagens. No início, tínhamos carona para voltar, mas foi cortada.

De Coruripe, seguia direto para o Colégio Padre Cabral, onde lecionava no Ensino Médio. Muitas vezes almoçava no ônibus ou comprava marmitta. De lá, ia direto para a UFAL, onde cursava Direito. Quando possível, jantava no Restaurante Universitário antes das aulas.

Em 2019, engravidei do Pedro Bernardo. No oitavo mês de gestação, busquei reduzir os dias de trabalho em Coruripe e cheguei a ir à Procuradoria Municipal tentar negociar.

Em dezembro de 2019, fui nomeada para o cargo de assistente em administração no IFAL, *campus* Piranhas, lotada na Coordenação de Suprimentos. Tomei posse em 22 de janeiro de 2020, ainda em licença-maternidade. Iniciei o exercício por e-mail, com apoio da servidora Adriana Nogueira (DGP-IFAL) e autorização do diretor-geral Iatanilton, já que teria que me deslocar com um recém-nascido.

Em março, com o surgimento da pandemia, decidi mudar para Piranhas com minhas crianças. Meu esposo, após 11 anos de trabalho, foi demitido, e viemos todos juntos em agosto de 2020.

Atuei dois anos na Coordenação de Suprimentos e, posteriormente, fui para a Diretoria de Gestão de Pessoas - DGP por lotação por tempo determinado. Após dois anos, surgiu a oportunidade de remoção definitiva para a Diretoria de Gestão de Pessoas, o que se concretizou com o apoio da

Adriana.

Com a mudança para Piranhas, precisei abandonar o curso de Direito. Concluí seis períodos, cursei um deles remotamente durante a pandemia, mas, com o retorno das aulas presenciais, tornou-se inviável continuar.

4. O INGRESSO NO MESTRADO

Em 2023, fiz minha inscrição para o mestrado, mas perdi o prazo de pagamento. Em 2024, incentivada por uma amiga que eu mesma havia motivado no ano anterior, decidi tentar novamente. Estudei, assisti às videoaulas, li artigos, e dessa vez fui aprovada.

Atualmente, sou aluna do PROFEPT — algo que, por muito tempo, considerei fora da minha realidade. Tenho enfrentado os desafios da distância, de conciliar estudo, trabalho e casa, mas tenho me dedicado para concluir o curso com êxito e alcançar o título de mestra. Desejo aplicar esse conhecimento na minha área de formação, Geografia.

Tenho refletido sobre o tema do produto educacional. Penso em algo voltado à sustentabilidade ou ao ensino da Geografia com o uso da fotografia, principalmente na Educação Profissional do *campus* Piranhas ou em escolas de Ensino Médio da cidade. Outra possibilidade é aliar turismo, história e sustentabilidade ambiental de forma educativa e contextualizada.

5. CONCLUSÃO

Este memorial tem o objetivo de resgatar minha trajetória de vida e formação, e também de representar a realidade de tantas mulheres e homens brasileiros que lutam diariamente por um futuro melhor através da educação.

É a história de quem estuda e trabalha simultaneamente, enfrentando desafios em um sistema educacional ainda excludente. Uma luta por uma educação que seja inclusiva, transformadora e que permita a cada sujeito ser protagonista de sua própria história, enfrentando e superando os limites impostos por uma política neoliberal que marginaliza e exclui. E que a educação continue sendo esse espaço de possibilidades, onde sonhos se renovam e se constroem.

CAPÍTULO 13

RELICÁRIO

Rafaela Carla Ambrósio Silva¹³

1. INTRODUÇÃO

Este memorial é um registro afetivo e reflexivo da minha trajetória pessoal, acadêmica e profissional. Ao revisitar os caminhos que trilhei, percebo que cada passo foi marcado por desafios, aprendizados e conquistas que me moldaram enquanto ser humano e profissional. Mais do que uma simples narrativa de fatos, este texto é uma homenagem às experiências vividas, às pessoas que caminharam ao meu lado e aos valores que me sustentaram ao longo dessa jornada.

A elaboração deste memorial não é apenas um exercício de memória, mas também um gesto de gratidão. Gratidão às vivências que me permitiram crescer e me entender melhor, como a recente descoberta do TEA (Transtorno do Espectro Autista) suporte 1, que trouxe clareza para muitas das sensações de desconexão que enfrentei ao longo dos anos, especialmente em ambientes acadêmicos. Isso me proporcionou uma nova perspectiva sobre minhas dificuldades, ampliando meu autoconhecimento e, assim, permitindo que eu me visse e me aceitasse de forma mais plena.

2. FORMAÇÃO ACADÊMICA

2.1. Os anos iniciais

Iniciei minha vida escolar em uma pequena escolinha de bairro, o Colégio Ferroviário. Desde cedo percebi que a vida escolar não era tão

¹³ Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) pelo IFAL. Bacharela em Direito, tecnóloga em Turismo, licencianda em Letras/Português, especialista em Gestão Pública e mestra em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para Inovação. E-mail: rafaela_ambrosio@hotmail.com.

simples, especialmente por não ter facilidade em manter laços sociais. Em contrapartida, eu me dedicava intensamente aos estudos, buscando ser uma excelente aluna — e esse esforço era reconhecido, pois meus pais frequentemente recebiam elogios sobre meu desempenho.

Posteriormente, no 4º ano, passei a estudar no Colégio Estadual Dr. José Maria Correia das Neves. Mais uma vez, diante de relações sociais frágeis, encontrei nos estudos um caminho de pertencimento. Sabia que minha dedicação aos livros era algo que dependia apenas de mim — e isso ninguém podia me tirar. Foi ali, em meio a tantas relações superficiais, que floresceu uma amizade rara e sólida com Regina, que permanece firme até os dias de hoje. No Correia das Neves estudei até o 7º ano. Aos 13 anos, por meio de programas sociais do Estado, conheci o esporte que mudaria minha vida: o basquete. Este, inclusive, merece um tópico só dele.

2.2 Do basquete

Comecei a jogar basquete por brincadeira, sem imaginar o quanto esse esporte mudaria a minha vida. Ele se tornou um verdadeiro divisor de águas: graças a ele, saí da escola estadual e concluí meus estudos em algumas das melhores instituições de Maceió, por meio de bolsas de estudo. O basquete me levou a conhecer outros estados, andar de avião pela primeira vez e conquistar medalhas como atleta destaque. Mais do que um esporte, ele despertou em mim um forte senso de disciplina, ética e resiliência.

Mesmo sendo uma pessoa introspectiva, encontrava nos treinos um espaço seguro para me expressar e me desafiar. Todo esse esforço foi reconhecido: recebi, pelas mãos do próprio governador, o prêmio de melhor jogadora do estado na minha categoria. Além disso, passei a integrar o programa federal Bolsa Atleta, recebendo um auxílio mensal que me incentivava a continuar na prática esportiva. O basquete me abriu portas que, até então, eu nem imaginava que existiam — e, por isso, ele ocupará sempre um lugar especial na minha história.

2.3. Das graduações

Em 2005, para jogar basquete representando o Instituto Federal, era necessário ser aluna da instituição. Assim, iniciei minha primeira graduação: Tecnólogo em Turismo. Conciliava treinos, jogos e estudos com muita dedicação — e amei essa experiência. Durante esse curso, construí poucas, mas intensas amizades. Dado e Nat, vocês foram essenciais nessa fase da minha vida.

Logo em seguida, em 2007, conquistei uma bolsa de estudos graças ao basquete e ingressei na minha segunda graduação: Direito, pela Uninassau. Foi uma etapa repleta de desafios, especialmente no que diz respeito ao sentimento de pertencimento — por vezes, sentia-me deslocada no ambiente acadêmico. Isso era difícil, afinal era a graduação dos meus sonhos. Mesmo diante desse desconforto social, busquei compensar com dedicação e disciplina nos estudos. Foi durante esse período que desenvolvi um grande interesse pelas disciplinas de Direito Administrativo e Constitucional, que influenciaram diretamente na escolha do tema do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). E o esforço rendeu frutos: no 9º período, fui aprovada no exame da OAB, uma conquista que encheu meu coração de orgulho e reafirmou minha força diante dos obstáculos. Ao concluir o curso, iniciei a graduação em Serviço Social pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), mas precisei trancá-la no 2º período ao ser aprovada no meu primeiro mestrado na própria UFAL.

Atualmente, estou no 8º período (último) da graduação em Letras/Português pelo IFAL, na modalidade EAD. Essa nova etapa tem sido muito significativa para mim. Estou amando a experiência e sigo ansiosa pela conclusão dessa jornada acadêmica que tanto tem me inspirado. Durante o curso, tive a oportunidade de participar do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), uma vivência enriquecedora que marcou profundamente minha formação. Fui orientada pela professora mestra Any Querubina — uma mulher forte, inspiradora, e por quem desenvolvi profunda admiração. Que privilégio tê-la como guia nesse processo! No âmbito do PIBID, vivenciei experiências práticas que resultaram em importantes

produções acadêmicas. Apresentamos um resumo expandido no SINPETE, discutindo a formação de professores sob a ótica dos pensadores Dewey, Sen e Freire. Construímos também um portfólio completo com todas as atividades desenvolvidas ao longo do programa. Como produto final, elaboramos um artigo científico que foi publicado nos anais do IFAL, abordando a formação docente na perspectiva de Dermeval Saviani, ancorada na pedagogia histórico-crítica. Foram onze meses de muito aprendizado, dedicação e resultados concretos — uma fase intensa e transformadora da qual me orgulho profundamente.

E não pretendo parar por aqui. Ainda planejo cursar Pedagogia — uma vontade que carrego com afeto. Tenho mãe e tias pedagogas, talvez por isso essa vocação já corra em minhas veias. Sinto que será a “tampa da panela”, a peça que falta para completar meu quebra-cabeça pessoal e profissional. Mais do que uma nova graduação, vejo essa escolha como um reencontro com minhas raízes e um passo natural em direção à educação que tanto valorizo.

2.4. Pós-graduação *lato e stricto sensu*

Minha trajetória na pós-graduação começou em 2012, ainda no final da graduação em Direito, quando iniciei uma especialização em Gestão Pública pela Uninassau. Foi uma experiência maravilhosa, que ampliou minha compreensão sobre a Administração Pública. Ao final do curso, desenvolvi um trabalho de conclusão voltado ao funcionalismo público e ao Direito Administrativo — áreas que sempre despertaram meu interesse. Atualmente, estou concluindo uma nova especialização, desta vez em Direito Educacional, unindo duas áreas pelas quais tenho profundo apreço: o Direito e a Educação.

Já por volta de 2018, dei um passo ainda mais significativo na vida acadêmica ao ser aprovada no mestrado profissional em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para Inovação (PROFNIT). Sempre tive o desejo de lecionar, e o mestrado era não apenas uma vontade, mas uma necessidade para quem, como eu, ama ensinar.

Fui orientada por dois professores excepcionais, os doutores Tonholo e Tatiane, com quem desenvolvi uma pesquisa voltada ao polo gastronômico

da Massagueira e suas potencialidades econômicas. Na metodologia, apliquei questionários de gestão e inovação em diversos restaurantes locais, mapeando oportunidades de melhoria. Com os dados em mãos, viabilizamos treinamentos específicos junto ao SEBRAE, fomentando o crescimento dos empreendimentos da região. Em parceria com a Secretaria de Turismo de Marechal Deodoro, também produzimos materiais de marketing voltados à divulgação do polo gastronômico, promovendo sua visibilidade e sua valorização.

O mestrado consolidou ainda mais meu amor pela docência e abriu portas importantes na minha trajetória como professora — área onde me sinto verdadeiramente realizada.

3. TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

Logo após concluir o curso de Tecnólogo em Turismo, tive minhas primeiras experiências na docência por meio dos programas PRONATEC e Mulheres Mil. Foram nesses espaços que me identifiquei profundamente com os discursos e as histórias de vida dos estudantes — em sua maioria, mulheres. Histórias atravessadas por resistência, violência e extrema vulnerabilidade, mas que, apesar das dores, eram marcadas por uma vontade imensa de aprender e por um amor genuíno pelo conhecimento. Foi ali que meu olhar se tornou ainda mais empático, especialmente em relação ao público feminino adulto em ambientes escolares. Essa vivência reafirmou o quanto eu amo a sala de aula.

A partir dessas experiências, pude lecionar cursos profissionalizantes em instituições privadas. Em paralelo, participei do programa de extensão Agente Local de Inovação (ALI), promovido pelo SEBRAE. Fui aprovada em uma seleção extremamente criteriosa e, durante o programa, atuei no município de São Miguel dos Campos, acompanhando e fomentando práticas de gestão e inovação em cerca de 60 micro e pequenas empresas da região. Que experiência transformadora!

Outra vivência marcante foi o exercício da advocacia, que me fez amadurecer décadas em pouco tempo — aos 23 anos, já lidava com

responsabilidades que exigiam muita maturidade emocional e técnica. Atuei também como advogada da Prefeitura de Maceió, mais especificamente no CREAS, onde prestava orientações jurídicas a pessoas em extrema vulnerabilidade social. Essa atuação me aproximou de ambientes educacionais não formais, e pude participar de palestras e ações em parceria com instituições para levar cursos profissionalizantes a quem mais precisava.

Hoje, sou docente do curso de Direito da Faculdade Raimundo Marinho, atuando em diversas turmas. Ensinar é algo que faz meu coração vibrar de alegria. Paralelamente, sou servidora pública do Estado de Alagoas, exercendo a função de policial militar, atualmente lotada na Patrulha Maria da Penha. Essa atuação é intensa, dolorosa, mas profundamente significativa para mim. Trabalhar com a proteção de mulheres vítimas de violência doméstica ressignifica a minha trajetória.

Com frequência, realizo visitas às escolas para falar sobre o combate à violência, e o público que mais me toca é o da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Muitas daquelas mulheres sobreviveram por anos a relacionamentos marcados pela violência silenciosa e naturalizada, e hoje voltam à sala de aula como um ato de resistência e reconstrução. Como diria bell hooks, “a educação como prática da liberdade é uma forma de resistência contra todas as formas de dominação”. E é nesse reencontro com a educação que essas mulheres começam, enfim, a se libertar.

4. O INGRESSO NO PROFEPT

O Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) me atraiu por unir teoria e prática em um campo que dialoga diretamente com minha vivência como professora, servidora pública e pesquisadora em formação. A proposta do programa, voltada para a formação crítica, emancipadora e alinhada aos desafios da realidade brasileira, é exatamente o que busco: uma educação que não apenas informe, mas que transforme. Ingressar nesse mestrado significa fortalecer minha atuação como educadora comprometida com a equidade, a inclusão e o desenvolvimento humano por meio da educação profissional e tecnológica.

5. CONCLUSÃO

Sou grata a todas as pessoas, instituições e experiências que cruzaram meu caminho e, principalmente, a mim mesma, por nunca ter desistido. Sigo movida pelo desejo de aprender, ensinar e impactar vidas, sobretudo aquelas que, como a minha, encontraram na educação uma chance real de mudança. Que este memorial seja mais do que um registro: que seja testemunho de resistência, coragem e amor pela docência.

6. REFERÊNCIAS

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Trad. Sandra Regina Haydu. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

CAPÍTULO 14

MINHAS MEMORÁVEIS EXPERIÊNCIAS ACADÊMICAS E PROFISSIONAIS

Tatiana Maria da Silva¹⁴

1. INTRODUÇÃO

O presente memorial buscou contar um pouco das minhas experiências antes mesmo da graduação, meu percurso acadêmico e profissional, minha admissão no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) até estes atuais sete meses de programa, intensos e primorosos. Durante os quatro anos da graduação, vivi momentos formidáveis na universidade com colegas e professores excepcionais. Participei de atividades como iniciação científica, extensão, pesquisa, cursei diversas disciplinas eletivas e realizei muitas visitas técnicas. Aproveitei ao máximo!

No campo profissional, atuei principalmente na área de Turismo e Cultura, conciliando com a docência, principalmente na Educação Profissional. Todas essas vivências desde os primeiros anos como aluna (dentro ou fora do espaço de educação formal), tendo como ápice a minha graduação, além de marcarem minha memória de maneira afetuosa, contribuíram para minha identidade como profissional e docente.

2. OS ANOS INICIAIS: A BASE

Sou natural de Recife/PE, filha de uma “Maria” alagoana (1948-1995) e de um “José” pernambucano (1928/9-1998), que juntos criaram “quatro

¹⁴ Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) - IFAL. Bacharela em Turismo pela UFPE, especialista em Gestão e Produção Cultural pela FAFIRE e especialista em Docência na Educação Profissional e Tecnológica pelo IFAL. Licenciada em: Letras Português/Inglês e Letras Espanhol. Professora na Educação Profissional de Escola Técnica Estadual (ETE) pela Secretaria de Educação de Pernambuco, atuação nos cursos do Eixo Tecnológico: Turismo, Hospitalidade e Lazer. E-mail: Tatimaria3@gmail.com. Programa de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal de Alagoas (IFAL), sob a orientação do Prof. dr. André Suêlto Tavares de Lima.

Marias”. Embora meus pais mal tivessem concluído o Ensino Fundamental completo, eles sempre fizeram jus aos nossos estudos e estavam presentes em nossa educação, e foram assim, ela até os meus 14 e ele até os meus 16 anos de vida, quando tão cedo partiram.

2.1. A Educação Infantil:

Cumpri minha Educação Básica em escolas públicas, nessa mesma cidade de Recife, iniciando na escola por volta dos 2 ou 3 anos de idade na **LBA** (Legião Brasileira de Assistência), instituição do governo federal que, na época, era responsável pela Educação Infantil pública do Brasil, chamada de pré-escolar.

Desses primeiros anos de vida colegial (do Infantil ao Fundamental I), guardo muitas lembranças carinhosas de cada nova série escolar alcançada junto a um novo ano que nascia, que também trazia uma nova professora, bem como lembro das particularidades marcantes de cada umas dessas professoras: Tia Telma, Tia Leda, Tia Dora, Tia Lúcia, Tia Nice (do infantil).

2.2. O Ensino Fundamental I:

Fiz o ensino fundamental I (chamava-se de “Primário”) na desativada Escola Carlos Alberto Gonçalves de Almeida, nessa época, o horário da escola fragmentava-se em quatro turnos. Eu costumava estudar no primeiro ou no segundo turno do dia, de acordo com a matrícula anual. Dessa primeira fase do fundamental, tenho boas lembranças de como ainda chamávamos todos de Tia(o): Tia Eralda (Historiadora), Tia Amparo (Letras), Tia Mirian, Tia Nadir, Tia Lurdinha, Tia Salete, Tia Elizete, Tia Fátima (Artes). Ademais, era comum termos mais professores do sexo feminino, pois a formação para o magistério nos anos iniciais, nessa época, era mais buscado por mulheres.

Tia Fátima (assim como as professoras Eralda e Amparo), que me acompanhou até o último ano do fundamental II (8ª série), sabia integrar teoria e prática magistralmente, nos ensinava de forma criativa sobre a história da arte e seus artistas, além de suas técnicas. O “Pontilhismo” foi umas das aulas

que mais me marcou, tanto na teoria quanto na prática. Usualmente ela alugava e exibia na escola filmes maravilhosos recém saídos do cinema para assistirmos e fazermos atividades. Recentemente a vi brincando no “Bloco da Capivara”, bloco que desfila na beira rio daqui do Bairro da Madalena no período das prévias carnavalescas. Ela não mudou quase nada! Outra que costumo cruzar de tempos em tempos, é a querida e saudosa professora Amparo. E ao cruzarmos, sempre sorrimos uma para outra e respondemos: “Professora Amparo...” (eu); “Tatiana...” (ela).

2.3. O Ensino Fundamental II:

A palavra “Professor(a)” como tratamento só foi naturalizada a partir do ensino fundamental II (chamado de ginásio, 1º grau), logo, algumas professoras do fundamental I que prosseguiram para o fundamental II, receberam o tratamento “Professora” em lugar do “Tia”. Mas também chegaram novos professores: Profa. Rosilda, Profa. Socorro, Prof. Flávio, Profa. Solange, entre outros. A Profa. Solange, era minha querida professora de Inglês, e a Profa Marisa de Matemática, ela era a irmã mais nova da “Tia” Mirian.

Nos anos 90, era na 5ª série que iniciava a segunda fase do fundamental, começávamos a ter mais responsabilidades, devido ao aumento das disciplinas (componentes curriculares) e seus respectivos professores ministrantes. E foi nessa fase que comecei a ter os primeiros professores do sexo masculino. Curiosamente, principalmente, em disciplinas como Física, Química e Matemática.

Embora, minha única professora de matemática mulher da educação básica, fora a Profa. Marisa, e como eu amava as aulas dela. Ela era calma, falava pouco, de voz e gestos lentos, porém, escrevia muito rápido. Às vezes firme, no entanto sempre introspectiva. Quando terminava de copiar no quadro, sentava e ficava observando a gente escrever, e quando percebia que todos terminavam, começava a explicar tudo pacientemente e minuciosamente, repetia lentamente sempre que alguns pediam... às vezes eu fazia questão de copiar rápido também, e assim que ela sentava para começar sua observação,

eu dava um sorrisinho para ela, demonstrando que eu havia terminado de copiar também e que só aguardava suas excelentes explicações. Ela ria e continuava a observar os demais alunos.

Mesmo quando estava no auge dos seus nove meses de gravidez, ela foi, e por vezes tentou ser sempre paciente. Na medida do possível, é claro. Foi aí que tive a oportunidade de entender e comparar, através da prática de observação o quão era interessante perceber as alterações hormonais femininas durante o ciclo da gravidez que ocasionando as oscilações emocionais. Foi como sentir-se diariamente numa imersão de ciência e biologia durante nove meses. Nunca mais tive um professor de Matemática que explicasse tão bem e que desse sentido a todas aquelas fórmulas chatas (nem na faculdade) como ela. Tão ruim quanto essas fórmulas, era a ideia de apresentar trabalho, seja ele de qualquer disciplina.

2.4. O Ensino Médio :

E por falar do que eu não gostava (...). Durante o ensino médio na Escola Joaquim Távora, que também já foi chamado de 2º grau do Científico. Foi a etapa que eu menos tive vínculo com os professores, pois o rodizio de professores era frequentemente, e às vezes passava um bom tempo para chegar um novo. Contudo, tinha um lugar na escola que eu amava, a biblioteca. Lá eu passava horas concentrada em livros literários. Foi nela que eu li o mais longo e melhor drama histórico romântico da minha vida: “E o vento levou”, maravilhoso!

Igualmente tenho muitas lembranças da minha turma do 1º ano, do meu grupinho de 6 pessoas (Andreza, Adriana, Acelina, Ezequiel Renato e eu), com quem passava intervalos agradáveis ao som dos acordes do violão de Renato e voz de Tatiana e Cia. Ademais, nos aventurávamos bastante ao passearmos nos bairros próximos da escola, e explorando, durante as “aulas vagas” a parte central da cidade do Recife. A maioria de nós, cada um em áreas distintas, seguiu a carreira docente.

Ainda assim, só havia uma disciplina que eu detestava, principalmente pelo modo dos professores conduzirem as aulas práticas, Educação Física.

Por coincidência, ministrada prioritariamente por professores do sexo masculino, e predileta pela maioria de meninos. Geralmente o professor ficava gritando, apitando como um juiz de futebol, ou militar ordenando: faça isso, aquilo, agora sobe ali, desce, pula, faça por três vezes, dez vezes, agora até onde você aguentar (...). Dificilmente tinha aula teórica, e a prática era imposta apenas para passar o tempo. Principalmente durante o ensino médio.

Enquanto eu fazia essas observações, e já morrendo de saudades das atividades recreativas lúdicas, conduzidas de uma forma tão natural durante todo meu ensino infantil e fundamental I. Também me dava saudades das aulas de danças e cantigas de rodas que faziam parte do folclore brasileiro, dos ensaios para as maravilhosas festas juninas da escola, tudo coordenado pela “Tia” Mirian durante o Fundamental I.

Apenas observava, mas não entendia o porquê dessas aulas caírem mais no gosto dos meninos do que no gosto das meninas. E como era visível a satisfação e alegria nos rostos de uns, enquanto a insatisfação, constrangimento e até aversão estampada nos rostos de outros. As polêmicas aulas de Educação Física: amada por uns e odiada por outros.

Por isso que eu sempre buscava motivos para NÃO participar dessas aulas insuportáveis. E já tinha até algumas frases elaboradas para responder sempre que fosse necessário. Pois seguiam uma ordem, além de serem ditas com uma voz e entonação suave, além de acompanhada de um leve sorriso afetuoso, singelo e meigo... às vezes vinha junto ao gesto da palma das mãos juntas simbolizando súplica e/ou até mesmo já agradecendo antecipadamente: “Professor, não gostaria muito de participar...”; “Não gosto muito dessas aulas...”. Mas, à medida em que eu precisava proferir a terceira ou a quarta frase, o tom de voz mudava, o sorriso desaparecia e na minha face surgia um desconforto, e um quase grito de irritação e protesto era percebido por ele: “Não quero ir.”; “Não vou!”. Para ser sincera, nunca tive dificuldades em dizer, NÃO.

Ficava pensando e me questionando o motivo que me fizesse consentir, aceitar suas ordens e ser obrigada a interações tão inúteis: ficar remexendo o meu corpo naquele espaço sem a mínima vontade de participar de uma atividade, sem propósito e sem fins. Mas eram só pensamentos

questionáveis. E mesmo sem eu quase participar das aulas práticas de educação física ao longo do meu ensino fundamental II e do ensino médio, não tive problemas com nenhum dos professores. Gostava de participar quando tinha jogos/brincadeiras atrativas como: barra bandeira, vôlei, queimado. Mesmo eu morrendo de medo de levar uma bolada ou de me machucar, ainda sim era prazeroso.

Embora eu tinha (e ainda tenho) asma alérgica, tenho contado nos dedos as vezes que eu precisei utilizar meus motivos de saúde para justificar legalmente minha participação nessas aulas práticas. Só relatava esse fato ao determinado professor, quando ele mencionava minha frequência na caderneta ou quando estava abaixo da média no final do bimestre. Todavia, raramente acontecia, pois geralmente eles faziam outras atividades (teóricas) comigo em lugar dessas “benditas” aulas práticas. E de certa forma eu participava das aulas, observando-as. Pior aqueles alunos que nem compareciam.

Contudo, esse “trunfo” da declaração de asma eu só usava nas últimas, até porque, na minha concepção, desde que não fosse nos dias de crise (e nesses dias eu nem ia à escola), as atividades físicas eram sempre bem-vindas, desde que prazerosas. Meu motivo real não eram as questões de saúde. E sim, porque eu simplesmente não aturava aquelas insuportáveis aulas que mais parecia um treinamento militar forçado.

Eu, como uma assídua telespectadora da programação da TV brasileira, encontrei uma “fórmula” criativa de aprender. Conheci, me interessei e logo comecei a assistir as aulas do Telecurso 2000. O curso foi criado pela Fundação Padre Anchieta com parceria da TV Cultura, Fundação Roberto Marinho e FIESP antes mesmo de eu nascer. Mais tarde (anos 90), essas aulas ganharam uma nova versão e começaram a ser exibidas pela TV Cultura e pela Rede Globo ao longo da minha infância, e fui telespectadora ao longo da década de 90.

Ainda nessa época, essas tecnologias educacionais não eram de acesso à todos, e esse método de ensino era considerado audacioso, ou até mesmo estranho para alguns. Pois onde já se viu aprender sem um professor de forma presencial e ainda mais através de vídeo aulas? Para mim, era

prazeroso acordar antes do sol nascer para aprender assistindo as dinâmicas aulas repletas de recursos audiovisuais do Telecurso 2000.

Na tela, as explicações acerca das fórmulas da Matemática e da Física, eram coloridas, atraentes e faziam sentido, tinha uma lógica. A Química, Biologia, Geografia e Artes eram tão reais que dava vontade de tocá-las com a mão, pois na escola, isso só era possível em dias de aula prática no laboratório ou na famosa Feira de Ciência. Já a Filosofia, Sociologia, História, e a Língua Portuguesa, Inglesa e Espanhola nos fazia viajar no tempo através de dramatizações performáticas executadas por um elenco de atores excepcionais do programa Telecurso.

2.4. Questões Extracurriculares e Extraescolares:

Sempre fui atenta às questões políticas, econômicas, mundiais e das relações internacionais, idem para as políticas internas. Ainda no Ensino Médio, gostava de me envolver nas causas estudantis, além das causas dos professores, e participei de muitas passeatas em Recife, principalmente a partir dos anos de 1997/1998. Muitas dessas manifestações tinham o ponto de concentração e saída na escola em que eu estudava (Escola Joaquim Távora), situada no bairro da Madalena, ao lado do Museu da Abolição.

Nos anos 2000, durante os dois mandatos do ex-prefeito de Recife João Paulo Lima, fui bastante ativa nos encontros de decisões anuais do “Orçamento Participativo da Cidade de Recife”, participava diretamente nas escolhas dos delegados/suplentes e das reuniões. De início, acompanhada pelos colegas (e primos) Sebastiana e Angelo. Geralmente, ora acompanhada por ela, ora acompanhada por ele, pois dificilmente estavam os dois juntos.

Juntamente, participei de outros grupos, encontros, conselhos, fóruns, conferências, a níveis municipal e estadual, e sempre preferia ficar nos grupos cujas temáticas eram do meu interesse: educação, cultura, turismo, saúde, direito das crianças e adolescentes, políticas para mulheres, entre outras. Em algumas dessas conferências de políticas públicas para mulheres participei como delegada/suplente.

Vivenciei experiências ao ingressar em cursos de línguas estrangeiras ofertados pelos Núcleos Estaduais de Língua do Estado de PE (NEL), e a Escola Joaquim Távora era um desses polos de línguas. Dei prioridade aos cursos de inglês (Profa. Jucy Rocha) e ao de espanhol (Profa. Tânia Diogo) cujas aulas eram maravilhosas. Quando conquistei (em 2005) meu primeiro trabalho como professora de inglês em uma escola particular de Ensino Fundamental.

3. FORMAÇÃO ACADÊMICA

3.1. A graduação: pesquisa, extensão, visitas técnicas e estágio

Minha trajetória acadêmica começa em um curso minuciosamente escolhido por mim: Bacharelado em Turismo da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em 2009.¹, fazendo parte do Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA). Por eu gostar bastante de múltiplas áreas de conhecimento (História, Geografia, Astronomia, Artes, Literatura, Línguas Estrangeiras, Antropologia, Psicologia...), o processo de escolha de um curso não foi tão fácil. Até que eu cheguei à decisão do curso de Turismo, que, consideravelmente, é uma graduação que proporciona deveras transdisciplinaridade e dinamicidade.

Embora eu estudasse em casa para o vestibular, não passei na primeira tentativa, nem na segunda... Não obstante, fiquei repleta de felicidade quando saiu o resultado e vi meu nome na lista dos aprovados. Foi ainda durante os primeiros semestres da graduação que me veio o imenso desejo de fazer um mestrado.

O curso era no período vespertino (13h às 19h), e quando iniciei a graduação, eu já trabalhava há quatro anos em uma empresa no período matutino. Passei por alguns pequenos desafios nos primeiros semestres, pois no 2º período iniciei um estágio remunerado. Foi quando tive que ajustar meu cotidiano com emprego, graduação e mais o estágio. Então decidi me desligar da empresa quando estava cursando o 3º período. Logo depois disso, consegui conciliar a graduação de forma mais harmônica.

Para pleitear esse estágio remunerado, passei por um concorrido processo seletivo — mais de 400 candidatos — que visava selecionar alguns

estudantes de determinadas áreas/cursos (História, Museologia, Letras e principalmente Turismo) para estagiar em algumas igrejas seculares da região metropolitana do Recife. O projeto chamava-se “Circuito das Igrejas”, realizado pela Secretaria de Turismo de Pernambuco e pela Fundação Gilberto Freyre. Fiquei como monitora da barroca Igreja Madre de Deus, localizada no Centro Histórico do Recife. Minha função era recepcionar os visitantes/turistas do Brasil e do exterior e explicar acerca da história, da arte/arquitetura e dos fatos importantes do monumento, além de passar outras informações turísticas e culturais sobre a cidade, já que os turistas solicitavam com frequência.

Todos os semestres do curso tínhamos memoráveis visitas técnicas (viagens), nos quatro cantos do Nordeste. Adquiri conhecimentos e obtive ricas experiências com maravilhosos professores que contribuíram para essa relação dialógica e, por consequência, para o meu processo de aprendizagem “teórico-prático”, tanto nas aulas teóricas em sala (e por vezes práticas) quanto fora dos muros da UFPE, nas inesquecíveis visitas técnicas; inclusive, fui a todas da minha turma e mais algumas de outras turmas. Momentos singulares em que íamos a campo praticar e expandir nossos conhecimentos.

Ademais, cursei inúmeras disciplinas eletivas as quais eu tinha enorme afinidade, em departamentos e cursos como: no Centro de Arte e Comunicação (CAC), principalmente nos cursos de Artes Visuais, de Cinema e audiovisual e de Arquitetura (Profa. Maria Betânia e Silva, Profa. Madalena Zaccara, Prof. Mario Sette, Prof. Ricardo Bigi, Prof. Fernando Guerra).

Já no Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH) tive oportunidade em disciplinas no curso de Arqueologia e mais uma vez ministrada pelo professor Fernando Guerra. Não obstante já tendo atingido a carga horária exigida do curso, embora não fosse questão de quantidade, e sim por julgar necessário, pela grande relevância e pela conexão dessas disciplinas com as múltiplas áreas do próprio turismo, visando, dessa forma, ampliar minha formação acadêmica e profissional. E isso fez bastante diferença, uma vez que nesses últimos dez anos já lecionei inúmeras disciplinas, sobretudo na área do Turismo.

Ainda sobre o CFCH, esse departamento que me trouxe professores excelentes, mas principalmente aqueles que faziam parte do departamento de

Geografia e do departamento de História, e que ministravam algumas das muitas disciplinas curriculares obrigatórias do meu curso: a saudosa Profa. Aldemir Araújo, Profa. Vanice Selva, Prof. Severino Vicente e o Prof. George Cabral. Com eles, pude participar de prazerosas aulas dentro e fora da UFPE, além de maravilhosos projetos e eventos durante a graduação. Já do Centro de Educação (CE), tenho muitas lembranças das alegres aulas do curso de Francês (e de “imersão cultural francesa”) ministrado pelo Prof. Marlon Melo.

Outrossim, apresentei trabalhos em eventos científicos com publicações em anais e participação em **iniciação científica** a respeito dos museus de Pernambuco, orientada pela Profa. Isabela Moraes; projetos de **extensão** e pesquisa, como o “PIBIC em Ação”, projeto este voltado para os bolsistas CNPq de 2011 da UFPE, logo, fui uma das quatro alunas dos dois cursos que faziam/fazem parte do Departamento de Hotelaria e Turismo (DHT) que participaram da coordenação do evento, sob a coordenação geral da Profa. Michelle Kovacks; projeto de extensão acerca de uma “Análise situacional da oferta turística de Fernando de Noronha”, que iria contribuir para a atualização do inventário turístico do distrito, com direito a visita técnica de uma semana na região para coletar os dados de todos os equipamentos turísticos do destino, sob a coordenação da Profa. Nathália Korossy *et al.*

Ainda durante a faculdade, tive o privilégio de participar como pesquisadora/entrevistadora para a Empresa Pernambucana de Turismo (EMPETUR) e para Secretaria de Turismo de Pernambuco (SETUR/PE). Igualmente, tive uma experiência única, junto a alguns alunos do Departamento de Hotelaria de Turismo (DHT), ao elaborarmos um roteiro de recepção e acompanhamento do grupo de alunos e seus professores (um deles brasileiro) do Johnson State College dos EUA em intercâmbio no Brasil, que consistia em visitar alguns atrativos/destinos do Litoral ao Agreste de Pernambuco (durante algumas semanas), sob a organização geral da Profa. Sandra Pereira.

Jamais poderia deixar de mencionar o Prof. André Durão, pelo qual tenho uma profunda afeição — como pelos outros citados anteriormente. Ele, que esteve presente nessa trajetória desde o meu primeiro ao último dia de aula, responsável por importantes disciplinas: Teoria e Técnica do Turismo I,

Estágio, Elaboração do Projeto Final (TCC), entre outras. Para mim, seus ensinamentos e conselhos desde a primeira semana de aula foram preciosos, para além do DHT e da UFPE (da vida acadêmica). Assim como os dele, os ensinamentos dos outros professores ecoaram muito longe, ao mesmo tempo em que constituíram minha essência.

E ainda, no final do curso, apresentei minha monografia, cuja temática foi sobre o perfil dos visitantes da Casa-Museu Magdalena e Gilberto Freyre, sob a orientação da mesma docente que foi minha orientadora na iniciação científica, a professora historiadora e antropóloga Profa. Isabela Morais com a coorientação da Profa. Carla Borba. Porém, no último período (8º período), eclodiu uma greve nacional que fez estender o semestre 2012.2 para os primeiros meses do ano seguinte. Todavia, amei o curso e aproveitei ao máximo cada momento.

3.2. As Pós-Graduações

Em 2014, iniciei uma especialização em Gestão e Produção Cultural na Faculdade Frassinetti do Recife (FAFIRE), cujo TCC apresentado como critério para a conclusão do curso (em 2015) foi sobre a história e a produção cinematográfica de Recife/PE durante o “Ciclo do Recife 1923-1931” (época do cinema mudo).

Ainda tive oportunidade de estudar como aluna especial no Programa de Mestrado em Artes Visuais da UFPE/UFPB por dois semestres seguidos de 2015, e algumas das disciplinas que cursei foram: Estudos em História das Artes Visuais; Artes Visuais, Gênero e Sexualidade. Uma das ministrantes dessas disciplinas e quem eu pude ter o imenso prazer de reencontrar, foi a Profa. Madalena Zaccara, uma vez que eu já tinha cursado disciplina eletiva com a mesma durante a graduação. Além de aluna especial no Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Turismo (PPMTUR) do Instituto Federal de Sergipe (IFS), em 2021. Da mesma forma, fui aluna especial no Programa de Pós-Graduação em Hotelaria e Turismo da UFPE, em 2022.

Mas, ainda em 2020, passei na seleção e iniciei uma especialização em Docência na Educação Profissional no Instituto Federal de Alagoas (IFAL),

campus Piranhas, exclusiva para professores atuantes na Educação Profissional e Tecnológica (EPT) de qualquer instituição (de preferência pública) e que ainda não possuísse licenciatura. Fiquei muito feliz por ter passado na seleção, afinal os conhecimentos pedagógicos são importantes para um professor atuante em qualquer nível da educação (básica ou superior).

Na última semana de dezembro de 2021, apresentei o TCC intitulado “A Prática da Viagem Técnica como Método de Ensino no Curso Técnico Subsequente em Guia de Turismo do IFPE”. Adorei as duas especializações. E antes mesmo da conclusão desta última pós-graduação em Docência na Educação Profissional, iniciei minha primeira Licenciatura em Letras Português/Inglês, e após seu término, logo ingressei na segunda Licenciatura em Letras Espanhol.

4. TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

4.1. Experiências não docentes

Trabalhei por quatro anos e meio (2005-2010) nos serviços de telefonia (auxílio a lista/informações 102) da Telemar/Oi. Iniciei antes da graduação e solicitei minha demissão quando estava no 3º período. Lá, eu atendia clientes de todo o país, enviando números de telefones e/ou endereços, informações de farmácias, hospitais, escolas, restaurantes, teatros, hotéis, shows, contatos públicos de pessoas públicas: exatamente todas as informações que eram permitidas por lei pesquisar no computador através de um vasto banco de dados (Data Center) e transmitir por meio de um telefone headset para uma pessoa física ou jurídica dentro de alguns segundos (preferivelmente em até 30 segundos), em tempos que a internet não era ainda tão popular. O que me possibilitou conhecer bem — principalmente as dimensões geográficas e culturais do Brasil — bairros e cidades de todos os estados brasileiros.

Já algumas das minhas experiências profissionais após a graduação consistiram em: prestação de serviços para o SEBRAE como agente e/na orientação empresarial; pesquisadora na inventariação turística para a

Prefeitura de Ipojuca/PE (inventariação turística de Porto de Galinhas); consultoria para alguns gestores de pousadas e restaurantes em Piranhas/AL, restaurante/bar de Tamandaré, assim como na formação/capacitação/qualificação/treinamento dos funcionários dessas pousadas e serviços ligados ao atendimento e/em turismo.

Ademais, fui parecerista/avaliadora em processos seletivos de projetos culturais do FUNCULTURA-PE; prestei serviços na área de eventos, entre outros, experiências vividas em paralelo com a docência. E, mais recentemente, avaliei projetos culturais de alguns municípios de Pernambuco, incentivados pelo Governo Federal, como os projetos culturais apoiados pela Lei Paulo Gustavo e pela Lei Aldir Blanc.

4.2. Minhas experiências como docente na Educação Profissional

Embora minha primeira experiência na docência fora antes da graduação, como professora de inglês (2005) em uma escola particular de Ensino Fundamental, deixei a docência por um tempo para trabalhar na área de telecomunicação/Serviço 102 em nível nacional (já mencionado no tópico anterior).

Quando retornei à docência em 2014, especialmente na Educação Profissional, atuei em vários cursos (Técnico em Guia de Turismo, Técnico em Hospedagem, Técnico em Eventos, Técnico em Agência de Viagens etc.), do Eixo Tecnológico de Turismo, Hospitalidade e Lazer, nos quais já ministrei diversas disciplinas em instituições particulares: Faculdade Maurício de Nassau, Faculdade Joaquim Nabuco, Pontes Cursos Profissionalizantes. E em instituições públicas: Secretarias de Educação de Alagoas e de Pernambuco, bem como no Instituto Federal de Alagoas (IFAL) e no Instituto Federal de Pernambuco (IFPE). Além do SENAC/PE.

Embora não faça parte da Educação Profissional, ao longo do ano de 2023, fui professora de Língua Inglesa no Programa de Línguas e Informática da Universidade de Pernambuco (PROLINFO/UPE). O curso é voltado tanto para crianças quanto para adultos, sendo que as turmas são separadas por

faixas etárias, e o mesmo está disponível na modalidade presencial ou remota. Gosto bastante de atuar em cursos de línguas, principalmente nas turmas infantis.

Desde o início de 2023 trabalho em uma Escola Técnica Estadual (ETE) de Ensino Médio Integrado à Educação Profissional (de PE), ministro algumas disciplinas no curso Técnico em Guia de Turismo. Algumas das disciplinas que lecionei nesses últimos anos foram: Fundamentos do Turismo e Hospitalidade; História de Pernambuco; Geografia Aplicada ao Turismo; Cultura Popular Pernambucana; Técnicas de Atendimento ao Público; Teoria e Técnica Profissional; Elaboração de Roteiros Turísticos; Ética e Etiqueta Profissional.

Ao longo desses anos atuando na Educação Profissional, em todas as disciplinas, sempre procurei associar teoria e prática, até porque os cursos exigem que distribua bem a carga horária entre o teórico e prático. E, sempre que possível, eu saio da sala de aula convencional e levo os alunos para visitas técnicas ou aula prática fora da escola, em espaços não-formais.

Vejo como uma forma de conectar os alunos à realidade profissional da disciplina/curso. Além de proporcionar experiências afetuosas que auxiliam na aprendizagem do aluno. Ademais, penso que sair um pouco da sala de aula contribui bastante para dinamizar as aulas, tirando assim a obrigação de que o espaço físico da instituição seja o único lugar para a formação desses alunos. Além de revigorar e influenciar positivamente na relação professor-aluno e ensino-aprendizagem.

5. POR FIM, O INGRESSO NO PROFEPT

Durante esses anos, deixei de participar de alguns concursos para vaga de professor efetivo dos institutos federais de Alagoas e de Pernambuco por não ter o mestrado. Possuir um mestrado no currículo abre portas, e é isso que eu espero do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) do IFAL. Passei alguns anos tentando ser aprovada no processo seletivo do PROFEPT, geralmente eu só conseguia encontrar tempo para estudar nos últimos 15 dias que antecediam as provas.

Na seleção da turma de 2024, cheguei bem perto, aliás, fui convocada de modo presencial no *campus* para cumprimento de uma 2ª etapa. Nessa seleção da turma de 2025, enfim, tive a oportunidade de ingressar no mestrado PROFEPT! E que bom que entrei nessa turma com mais 13 colegas maravilhosos (Abelardo, Bruno, Clebson, Daiane, Edilma, Elízia, Hernanes, Kalina, Karine, Marciana, Patrícia, Rafaela e Virgínia), e que eu enxergo amizades para além dos 24 meses de programa.

Depois da felicidade em ter passado no PROFEPT, a aula inaugural nacional de 4 de abril de 2025 foi muito importante para mim, embora a aula inaugural de 11 de abril de 2025 do IFAL/*campus* Benedito Bentes tenha sido simbólica e memorável. Logo tive de pensar na temática de pesquisa. E uma das temáticas que gosto bastante é a de visitas técnicas em espaços não-formais, além do currículo do Ensino Médio Integrado, que, com o decorrer das aulas, alguns professores me auxiliaram nessa idealização e na concretização do projeto.

E hoje, nesta emblemática data (24/11/2025), enquanto faço os últimos ajustes deste memorial, ao mesmo tempo concluí o processo de submissão do meu projeto na Plataforma Brasil, que se intitula “A contribuição da visita técnica em espaços não-formais para a articulação dos componentes curriculares do Curso Técnico em Hospedagem integrado ao Ensino Médio do IFAL/*campus* Maragogi”.

Contudo, nem cheguei há um ano de curso (apenas sete meses) e já vivenciei experiências maravilhosas até então: participação e organização de eventos no IFAL/*campus* Marechal Deodoro, sob a orientação da profa. Ana Paula Fiori (e na companhia dos professores André Suêlido e Fábio Castilho), do Colóquio e Mostra Científica no *campus* Benedito Bentes, além de eventos fora do *campus*, no estado (Congredu e a Bienal, em Maceió) e até fora do estado. E sobre a apresentação do trabalho no Colóquio Internacional em EPT no IFAL/*campus* Natal no mês de outubro: foi uma experiência estupenda! A viagem me fez lembrar as visitas técnicas no tempo de graduação, na agradabilíssima companhia da professora Regina Brasileiro e de praticamente toda a turma de 2025. Foi uma experiência magnífica.

Além disso, tivemos aulas/palestras e ensinamentos de professores queridos do programa, como Ricardo Cavalcanti, Edel Pontes, Adalberon Lima. Já os memoráveis encontros presenciais das sextas-feiras no IFAL, bem como das atividades acadêmicas em espaços não-formais, como as visitas técnicas em Marechal Deodoro/AL e a visita na Reserva Ecológica Santo Antônio em São Luís do Quitunde, situada igualmente em Alagoas, ambas me trouxeram aprendizados, leveza no final do semestre e excelentes conselhos por parte de professores responsáveis, e que mesmo em tão pouco tempo, já tenho fortes conexões: prof. Jarbas Gomes, prof. Fábio Castilho e o meu querido orientador, o prof. André Suêlto Lima. Já vivi tudo isso no ProfEPT... E só se passaram sete meses.

Não citei os nomes de todos os professores que tive ao longo dessas décadas. Contudo, dedico este memorial a todos os professores que fizeram parte da minha vida!

A ação de narrar consolida-se como uma das práticas mais profundas e transformadoras desenvolvida pelos sujeitos ao longo do curso de desenvolvimento da humanidade. É por meio da palavra acessada que a humanidade reinventa e atribui novos sentidos à própria existência e, com isso, pode tensionar, propor e, ainda, refletir acerca de mudanças sociais. Na esfera acadêmica, a *escrita sobre si* se firma como um potente dispositivo de contato e ressignificação das trajetórias escolares e acadêmicas, de modo amplo, permitindo reexaminar o percurso formativo dos/as autores/as, desde os primeiros passos na Educação Básica, percorrendo a graduação, até o ingresso na pós-graduação *stricto sensu*, neste caso, no Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, o nosso ProfEPT, no âmbito do Instituto Federal de Alagoas – Ifal.

Cabe destacar que a escrita memorialística ganha especial relevância acadêmica ao conferir sentidos aos percursos pelos quais passaram e passam os sujeitos escrevendo, sobretudo a partir de suas inserções no Mestrado Profissional em EPT. Consolidado como o maior Mestrado Profissional no contexto brasileiro, uma vez que se oferta em Rede, com a participação de toda as instituições pertencentes à Rede Federal de Educação, o que, atualmente, é ofertado por 40 Instituições Associadas (IA) — entre as quais se destaca o trabalho engajado desenvolvido, ao longo de 8 anos de atuação do Instituto Federal de Educação de Alagoas (Ifal) —, o que, ao longo desse tempo, o ProfEPT/Ifal já cataloga memórias, sendo carregadas por tramas entrelaçam vida, trabalho e formação acadêmico-profissional.

Como prática pedagógica consolidada na disciplina obrigatória “Seminário de Pesquisa”, ministrada no primeiro semestre do Curso no ProfEPT, a escrita sobre si atua parte potente, sendo uma ponte entre os/as autores/as e com aqueles/as potenciais leitores/as, em vista de narrativas/memórias inspiradoras, com lugares de fala/enunciação que representam a pluralidade constitutiva de nosso Programa. É por meio do compartilhamento dessas histórias de vida – pessoais, acadêmicas e profissionais – que docentes permanentes e estudantes estabelecem conexões fundamentais para a escolha e a definição dos/as seus/suas orientadores/as e, por extensão, dos seus objetos de estudo, em conta da linha de pesquisa à qual estão alinhados/as mediante as suas inserções no Programa.

Com a chegada ao nosso quarto volume, esta obra concretiza mais uma valiosa construção coletiva, reunindo os relatos de 14 autores/as juntamente aos seus organizadores. Unida pela coesão temática e pelo rigor reflexivo – e também acadêmico –, a obra reafirma a proposição de convidar outros sujeitos na medida em que se dispõe a possibilitar reflexões a respeito de suas próprias trajetórias, oferecendo a todos/as nós, leitores/as, contribuições significativas e inspiradoras a partir das narrativas de si.

Prof. Dr. Ricardo Jorge de Sousa Cavalcanti (ProfEPT/Ifal) – Docente Permanente do
ProfEPT/Ifal
Inverno de 2026.

ISBN: 978-65-83366-35-1



978-65-83366-35-1

Kattleya
EDITORA

